

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCAR
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS - CECH
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - DCSO

GIULIA DI GIOVANI SILVA

**AGENDA E IMAGENS: JAIR BOLSONARO E O TEMA DA SEGURANÇA
PÚBLICA NA GRANDE MÍDIA (2016 - 2018)**

SÃO CARLOS
2023

GIULIA DI GIOVANI SILVA

**AGENDA E IMAGENS: JAIR BOLSONARO E O TEMA DA SEGURANÇA
PÚBLICA NA GRANDE MÍDIA (2016 - 2018)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Sociais (DCSo) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) como requisito obrigatório para a obtenção de bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Vera Alves Cepêda
Coorientador: Ms. Johnny Daniel Nogueira

SÃO CARLOS
2023

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Eleandro, expresso minha profunda gratidão por ter me proporcionado a base sólida e o apoio necessário para minha formação. A minha mãe, Cecília, por ser meu norte sempre. Tudo que faço é por você.

Aos meus amigos, por incansavelmente me escutarem a falar deste trabalho e, ainda assim, me oferecerem seu constante apoio. Sua paciência e incentivo significam muito para mim.

À Ana Elisa, por todas as vezes que disse “confia, vai dar certo”. Seu apoio foi essencial e profundamente valorizado. Hoje, finalmente posso afirmar que deu certo.

Ao meu coorientador, Johnny Daniel, minha sincera gratidão por ter aceitado esta responsabilidade e, mesmo com tempo limitado, ter realizado uma leitura atenta e contribuições valiosas.

Aos examinadores, Prof. Dr. Ivan Henrique de Mattos e Silva e à Ms. Lillian Lages Lino, que gentilmente aceitaram o convite para participar da avaliação final deste trabalho. Sua contribuição e expertise são fundamentais para o meu percurso acadêmico.

Por fim, mas definitivamente não menos importante, um agradecimento especial à minha orientadora, Vera Alves Cepêda. Foi através de suas aulas que me apaixonei pela Ciência Política e adquiri parte substancial do conhecimento que hoje possuo sobre a minha temática. Minha mais pura gratidão pelo voto de confiança depositado em mim.

“Vocês não têm o direito de fazer as pessoas passarem fome, de puni-las sem motivo. Não têm direito de tirar a vida e a liberdade delas. Essas são coisas com as quais todo mundo nasce e não são suas para serem tiradas assim. Vencer uma guerra não lhes dá esse direito. Ter mais armas não lhes dá esse direito.”

A Cantiga dos Pássaros e das Serpentes, 2020

RESUMO

Esta pesquisa aborda a cobertura midiática do então deputado federal Jair Bolsonaro entre janeiro de 2016 e maio de 2018, focando na construção de sua imagem pela imprensa e com ênfase nas questões relacionadas à segurança pública. Foram analisadas suas declarações sobre *violência*, *criminalidade* e *segurança*, empregando esses termos como palavras-chave para buscar e selecionar notícias ligadas ao campo da nova direita, onde Bolsonaro se tornou figura extremamente relevante, em especial nesse período e usando como estratégia de visibilidade pública e capital político o posicionamento repressivo, autoritário e de liberação do porte de armas, maioria penal, entre outras. Para esta pesquisa. Foram utilizadas quatro fontes jornalísticas — os jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo; a revista Carta Capital e o portal de notícias G1 da Globo — para o exame quantitativo e qualitativo das notícias. A pesquisa foi guiada pela hipótese da atenuação dos discursos de Bolsonaro a respeito desses temas no período prévio à sua candidatura à presidência, a fim de compreender os fatos que permitiram que um político inicialmente considerado de baixa relevância ascendesse publicamente através da defesa de projetos radicais e reacionários. O modo como suas posições foram reproduzidas pela grande mídia impactou significativamente para viabilizar sua candidatura à presidência à medida que ganhava empatia e legitimidade do público.

Palavras-chave: Jair Bolsonaro; nova direita; direita brasileira; segurança pública; violência; mídia.

ABSTRACT

This study investigates the media portrayal of former federal deputy Jair Bolsonaro between January 2016 and May 2018, with particular focus on how the press framed his image, especially in regards to public security. The research analysed Bolsonaro's statements on *violence*, *crime* and *security*, using these keywords to select news articles related to the new-right movement, of which Bolsonaro was a prominent figure during this period. His public profile and political influence were established through a restrictive, dictatorial, and pro-firearm stance, in addition to supporting a reduction in the age of criminal accountability, among other viewpoints. Four journalistic resources - Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Carta Capital, and G1 from Globo - were used for a combined quantitative and qualitative analysis of the news. The study was informed by the conjecture of a moderation in Bolsonaro's rhetoric on these subjects leading up to his presidential candidacy. This was undertaken to comprehend the circumstances that facilitated a politician initially regarded as insignificant to ascend in public recognition by advocating for extreme and conservative initiatives. The way in which his views were reflected by the mainstream media had a significant effect on his ability to run for president. This was because the public sympathised with him and felt that his ideas were legitimate.

Keywords: Jair Bolsonaro; new right; Brazilian right; public security; violence; media.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 -	Banco de matérias Folha de São Paulo.....	28
------------	---	----

GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Total de matérias que citam “Jair Bolsonaro”.....	24
Gráfico 2 -	Total de matérias que relacionam Jair Bolsonaro e Segurança Pública.....	25

TABELAS

Tabela 1 -	Total de matérias que relacionam Jair Bolsonaro e Segurança Pública.....	26
------------	--	----

LISTA DE ABREVIATURAS

CC - Carta Capital

CQC - Programa televisivo "Custe o que custar"

DOI-CODI - Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna

ESP - O Estado de São Paulo

FA - Forças Armadas

FSP - Folha de São Paulo

G1 - Site de notícias da Globo

LGBTIQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queers, Intersexos e Assexuais

MDB - Movimento Democrático Brasileiro

MVI - Mortes Violentas Intencionais

OAB - Ordem dos Advogados do Brasil

ONU - Organização das Nações Unidas

PDC - Partido Democrata Cristão

PFL - Partido da Frente Liberal

PM - Polícia Militar

PNDH - Programa Nacional de Direitos Humanos

PNPCDH-LGBT - Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

PP - Partido Progressistas

PPB - Partido Progressista Brasileiro

PPR - Partido Progressista Reformador

PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira

PSL - Partido Social Liberal

PSOL - Partido Socialismo e Liberdade

PT - Partido dos Trabalhadores

PTB - Partido Trabalhista Brasileiro

PSC - Partido Social Cristão

TSE - Tribunal Superior Eleitoral

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
Ventos de mudança: nova direita, velha agenda	14
Ecos perigosos: a abordagem da imprensa sobre Jair Bolsonaro	24
Autoritarismo: uma viagem redonda	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54

INTRODUÇÃO

De acordo com o Atlas da Violência (2019) mais de 65 mil pessoas são vítimas de homicídio por ano no Brasil e, conforme apontam os dados do 13º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, só em 2019, houve um crescimento de cerca de 20% nas mortes decorrentes de intervenções policiais. Em São Paulo, o número de Mortes Violentas Intencionais (MVI) neste mesmo ano é de 4.076.

O medo em relação ao crime e à violência exerce uma influência significativa na maneira como as pessoas estabelecem suas interações sociais, desde a ocupação do espaço urbano até o deslocamento de um local ao outro. Como resultado, o tema adquire uma natureza extremamente sensível e figura como uma das principais preocupações dos cidadãos brasileiros durante os debates eleitorais (BUENO, 2019).

As ações e concepções que perpassam um sistema de segurança pública assumem conteúdos e contornos específicos segundo diferentes governos e suas respectivas orientações políticas. No sistema político brasileiro, grupos conservadores e progressistas diferem nas abordagens sobre as causas e consequências da violência e, portanto, em como lidar com ela.

De um lado, a esquerda enfatiza a importância de abordar as causas estruturais da violência, como desigualdade social e falta de oportunidades, por meio de políticas públicas que promovam a inclusão social e redução do encarceramento em massa. Por outro lado, como indicam Motta e Possenti (2008), a visão da direita destaca a importância de valores concretos, tais como a proteção da propriedade, a garantia da tranquilidade no cotidiano dos cidadãos honestos e o bem-estar de suas famílias

Jair Messias Bolsonaro fez sua estreia no cenário político em 1988, sendo eleito vereador da cidade do Rio de Janeiro pelo Partido Democrata Cristão e desde o princípio se apresentou como defensor desses valores concretos (BOLSONARO, 2017). Enquanto parlamentar, a maioria dos projetos propostos por Bolsonaro estavam relacionados ao tema de segurança pública, sendo a principal delas a liberação do porte de armas que, posteriormente, foi um dos pilares fundamentais de sua campanha presidencial (DIBAI, 2018).

Bolsonaro ocupou e oportunizou o espaço relativo ao Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH) e à Comissão Nacional da Verdade, atuando também em conformidade com as conhecidas frentes parlamentares, chamadas de bancadas da bala, da bíblia e do boi, “BBB” da política brasileira.

O primeiro "B" da sigla refere-se à bancada da bala, um grupo voltado para questões de segurança pública. Composta principalmente por militares e policiais, muitas vezes nostálgicos em relação ao evento de 1964¹, essa bancada se apoia no prestígio das Forças Armadas² e é capaz de aproveitar-se da força política do medo, tendo como base a situação de violência e as elevadas taxas de criminalidade do país.

O segundo "B", conhecido também como a bancada da bíblia, está estreitamente vinculada aos princípios e valores cristãos e é constituída principalmente por pastores evangélicos e outros membros de igrejas cristãs. Seus valores são pautados em torno da valorização da religiosidade e apreço pelas instituições tradicionais, o que culmina em um discurso de caráter extremamente conservador.

Por fim, o terceiro "B" está ligado à bancada do boi, que tem sua atuação voltada para a defesa dos interesses dos proprietários rurais. Esta bancada está diretamente relacionada a questões como o desmatamento, a oposição à regulação ambiental, a demarcação de terras indígenas e quilombolas e a reforma agrária no país. Seu foco está em promover e proteger os interesses do setor agropecuário, muitas vezes gerando conflitos com agendas voltadas à proteção do meio ambiente e dos direitos das populações tradicionais.

Embora tenham objetivos e origens distintas, há pontos de confluência entre as três bancadas mencionadas. De modo geral, os congressistas que integram essas frentes apresentam uma postura conservadora, pautada pela preservação de valores cristãos e um profundo apreço pelas instituições tradicionais, como a família e a religião, além de uma tendência compartilhada de apoio a medidas punitivas

¹ Em 1964, no Brasil, houve o Golpe Civil-Militar que derrubou o presidente João Goulart e instaurou um regime ditatorial por 21 anos, que restringiu direitos à liberdade e à participação política.

² Em 2019, em pesquisa publicada pelo Instituto DataFolha, as Forças Armadas eram as instituições que tinham a maior confiança dos brasileiros. Cf. <http://folha.com/no1987746>. Acesso em: 19 ago. 2023.

contra aqueles que desafiam a ordem estabelecida³. Como resultado, é frequente a formação de alianças no Congresso com a cooperação mútua em votações de projetos de interesses convergentes (QUADROS e MADEIRA, 2018; CARVALHO, 2020)⁴.

Com base neste contexto e com o objetivo de estabelecer um diálogo entre dois campos de estudo que requer maior atenção - segurança pública e nova direita - este trabalho, acompanhado de uma revisão bibliográfica abrangente sobre os temas em questão, busca compreender o modo e o momento em que a imprensa retrata Jair Bolsonaro em notícias relacionadas à violência e segurança. A análise concentra-se no período de janeiro de 2016 a maio de 2018, focando especificamente no primeiro "B" destacado, que se refere a temas relacionados à violência, criminalidade e segurança pública.

Serão utilizados para análise os meios de comunicação de massa: Carta Capital, O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e G1 da Globo. Foram consideradas como características que os unificam e os validam para esta pesquisa: a) veiculam notícias e fatos jornalísticos, com editoriais e análises; b) tem grande circulação e, embora radicados no sudeste, são lidos em amplitude nacional; c) somado os quatro cobrem, na tarefa da formação da opinião pública, a mídia impressa, a internet (com versão digital) e a condição de site de notícias; d) são referências que englobam, no período analisado, a posição de centro-direita representada pelo Estadão, assim como o espectro centro moderado-liberal, onde se inserem o G1 e a Folha e, no que diz respeito a centro-esquerda, a Carta Capital; e) são repositórios com acervo da cobertura temporal e permitindo levantamento de dados com segurança.

Sobre a origem dessas empresas de comunicação na região sudeste, há dois dados importantes. Segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), São Paulo

³ Exemplo de convergência são as medidas punitivas que defendem para quem ocupa terras improdutivas por parte de movimentos sociais do campo ou propriedade privada sem função social por movimentos urbanos.

⁴ Durante os anos 1990, a época seguinte à ditadura civil-militar, houve uma relutância por parte dos parlamentares conservadores em se declararem abertamente como representantes da direita. Isso se deu em razão dos acontecimentos do governo ditatorial ainda estarem presentes no espaço público. Como resultado, esses políticos identificavam-se como de centro. No entanto, a análise de Quadros e Madeira (2018) lança luz sobre o declínio da "direita envergonhada". Ao examinarem os discursos e projetos de lei da bancada evangélica e da bancada ligada à segurança na Câmara dos Deputados, demonstram a transformação desse cenário, em que a direita deixa de ser envergonhada para se tornar ideologicamente engajada.

representa 22,16% do eleitorado apto para votar no Brasil, ganhando o título de maior colégio eleitoral do país. Para além disso, esta unidade da federação fora palco para criação de partidos importantes da história da política nacional, surgimento de lideranças, associações sindicais, movimento sociais, além de corporações empresariais que conquistaram reconhecimento em âmbito nacional (ROCHA, 2012). Tendo isso em vista e considerando a tradição conservadora do eleitorado paulista, que nas últimas eleições “tenderam à redução da esquerda e ao aumento da centro e direita” (KERBAUY e DIAS, 2017, p. 86), a seleção dos jornais utilizados para a coleta de dados é fundamentada na importância política e econômica do Estado de São Paulo para o país.

Ademais, a escolha desses quatro veículos midiáticos considerou também a facilidade de acesso e sua credibilidade perante a população. Nesse sentido, adotamos como critério a seleção de jornais com ampla circulação na sociedade e que disponibilizassem um acervo de notícias online, especialmente dentro do período delimitado para a pesquisa. Após essa apuração, foi necessário realizar a assinatura de dois desses jornais, a saber, FSP e ESP, para obter acesso integral às suas notícias. Os outros dois veículos ofereciam acesso gratuito.

O período escolhido para análise foi de janeiro de 2016 - época que antecede o *impeachment* de Dilma Rousseff -, até maio de 2018 - quando se torna oficial a candidatura de Bolsonaro para presidente. A hipótese que subjaz à pesquisa é de que o discurso bélico de Bolsonaro foi se tornando cada vez mais brando e/ou foi abrandado pelos jornais conforme se aproximavam as campanhas eleitorais de 2018. O período é interessante pois revela que a apresentação acrítica das falas de Bolsonaro enquanto deputado federal, justificada pela suposta neutralidade jornalística, foi convenientemente capturada pelas estratégias da nova direita e, então, fez dele um candidato viável à presidência.

O referencial teórico da *agenda-setting* (COHEN, 1963; KINGDON, 1984; McCOMBS e SHAW, 2000; AZEVEDO, 2004; CAPELLA, 2005) ilumina essa análise uma vez que esta teoria da comunicação aborda os efeitos de longo prazo gerados pela mídia de massa na formação das percepções dos cidadãos sobre determinados temas de interesse, os quais serão amplamente utilizados durante as campanhas eleitorais.

O assunto merecerá maior atenção da seção 1, em que também é discutida a nova direita (LÖWY, 2015; SOLANO, 2019; PINHEIRO-MACHADO e FREIXO 2019; CEPÊDA, 2021; SILVA, 2021) como campo teórico em que compreende e substancia o caso Bolsonaro, bem como seu alinhamento ao tema de segurança pública. Como parte da discussão foram utilizados dados e acontecimentos anteriores ao período delimitado para esta pesquisa, no sentido de melhor delinear o campo de análise.

Na segunda seção, são apresentados os dados empíricos levantados a partir de matérias veiculadas nos principais jornais da mídia paulista, sendo eles: Carta Capital, O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e G1 da Globo. A seção inclui análises dos discursos feitos por Jair Bolsonaro e a construção e reprodução de sua imagem pelos noticiários.

A terceira e última seção consistirá na intersecção entre o referencial teórico abordado anteriormente na primeira seção e os dados que foram coletados e analisados na sequência. Por fim, na conclusão são expostos os principais resultados obtidos por meio da pesquisa e as contribuições teóricas e analíticas mais relevantes da monografia.

Ventos de mudança: nova direita, velha agenda

Marcelo Tas, apresentador e comentarista do programa humorístico Custe o que Custar (CQC), transmitido pela Rede Bandeirantes de 2008 a 2015, descreveu Jair Bolsonaro no episódio do quadro "O Povo Quer Saber"⁵, exibido em março de 2011, como um "deputado muito polêmico", "contra tudo" e que "deseja resolver os problemas do Brasil na bala".

Com mais de 30 anos de atuação política, Jair Messias Bolsonaro, nascido em Glicério, cidade localizada no interior de São Paulo, atualmente é capitão da reserva do Exército (BOLSONARO, 2017). Ele ganhou destaque por seu posicionamento como defensor da ditadura civil-militar que ocorreu no Brasil entre os anos de 1964 a 1985, além de ser conhecido por suas declarações polêmicas e ofensivas, muitas vezes direcionadas a grupos específicos e minorias sociais (DIBAI, 2018).

Sua trajetória é marcada pela filiação em diversos partidos. Dando início à sua carreira política em 1988, Bolsonaro ingressou no Partido Democrata Cristão (PDC), onde foi eleito pela primeira vez como vereador. Em 1993, fez a transição para o Partido Progressista Reformador (PPR) e, posteriormente, para o Partido Progressista Brasileiro (PPB), que atualmente é conhecido como Partido Progressistas (PP), permanecendo nessa sigla até 2003 (YONESHIGUE, 2022).

Ao finalizar seu quarto mandato como deputado federal, Bolsonaro desvinculou-se do PPB e ingressou no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), onde permaneceu por um período de dois anos antes de realizar outra mudança partidária. No ano de 2005, associou-se ao Partido da Frente Liberal (PFL), permanecendo nessa agremiação por um ano apenas, antes de transferir sua filiação para o PP, onde manteve-se até o ano de 2016 (YONESHIGUE, 2022).

De 2016 a 2018, Bolsonaro esteve associado ao Partido Social Cristão (PSC) e, em março de 2018, optou por filiar-se ao Partido Social Liberal (PSL), onde o respaldo da legenda em relação a sua candidatura à Presidência estava garantido.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z4CoY_82LAQ>. Acesso em 17 jun. 2023.

Desde o início de sua carreira, suas declarações sempre carregaram um tom controverso. As manifestações como parlamentar estiveram consistentemente focadas em temas relacionados à segurança pública, sempre advogando pela adoção da pena de morte, revisão da legislação de posse de armas e a redução da maioria penal. Como resultado, suas afirmações frequentemente refletiam essa postura, como evidenciado por uma declaração⁶ feita por ele em 2014.

Quando eu falo em pena de morte é que uma minoria de marginais aterroriza a maioria de pessoas decentes. Quando se fala em menor vagabundo, como esse que foi preso num poste no Rio de Janeiro, você tem que ter uma política para aprisionar esses caras, buscar a redução da maioria penal e não defender esses marginais como se fossem excluídos da sociedade, são vagabundos (UOL NOTÍCIAS, 2014).

No decorrer daquele mesmo programa de TV em 2011, Bolsonaro fez declarações em que reconhecia os militares como seus principais “gurus” políticos, manifestando um sentimento de nostalgia em relação aos presidentes do período da ditadura, em que dentre os citados destaca-se Emílio Garrastazu Médici (1968-1974), figura responsável pelo período que ficou conhecido como "anos de chumbo" no Brasil, época marcada pelo auge da repressão e censura imposta às vozes contrárias ao regime ditatorial.

Ainda em 2011, em um dos episódios do programa SuperPop⁷ veiculado pela emissora RedeTV, Jair Bolsonaro mais uma vez foi retratado como uma figura “polêmica”, quando exibiram uma manchete abordando o escândalo⁸ de racismo envolvendo a artista Preta Gil. O incidente ocorreu durante uma entrevista concedida por Bolsonaro, na qual fez declarações controversas e ofensivas em relação à comunidade negra. Na ocasião, o então deputado federal afirmou que não poderia conceber a possibilidade de seus filhos se relacionarem com uma mulher negra, demonstrando claramente sua visão preconceituosa e discriminatória.

Quadros como estes, exibidos em rede nacional e em programas de grande audiência, popularizaram Bolsonaro no começo da década de 2010. Ora tratado

⁶ Disponível em:

<<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2014/02/11/minha-proposta-e-defender-direitos-da-maioria-e-nao-da-minoria-diz-bolsonaro.htm>>. Acesso em 18 ago. 2023.

⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pXkdxA7EXMo&t=28s>>. Acesso em 19 jun. 2023.

⁸ Disponível em:

<<https://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2011/03/896285-fui-injustamente-agredida-diz-pret-a-gil-sobre-bolsonaro.shtml>>. Acesso em 19 jun. 2023

como muito polêmico, ora tratado com ironia, o então deputado pelo Rio de Janeiro ganhou visibilidade e até mesmo simpatia de um público cada vez maior.

Nesse sentido, aproveitando uma brecha política associada à emergência de uma nova direita mundial, Jair Bolsonaro se destacou no cenário político brasileiro principalmente após as Jornadas de Junho de 2013.

Os movimentos que ficaram conhecidos por eclodirem no mês de junho de 2013, foram inicialmente organizados em algumas capitais brasileiras, como Porto Alegre e São Paulo. Os protestos tinham como principal pauta a questão do transporte público urbano e rapidamente evoluíram para um gigantesco movimento de massas, resultando em algumas das maiores manifestações da história do país. Além da demanda por melhorias no transporte, surgiram novas pautas, como o combate à corrupção, reivindicações por melhorias em outros serviços públicos, como saúde e educação, e insatisfação com o modelo político tradicional (FREIXO e PINHEIRO MACHADO, 2019).

É interessante observar que essas reivindicações e manifestações tiveram seu início no espectro político da esquerda. No entanto, após uma repressão policial intensa, uma comoção nacional surgiu, resultando na ocupação das ruas. Conseqüentemente, novos protestos foram convocados por meio das redes sociais e, a partir desse ponto, houve uma transformação com a direita ganhando protagonismo nas manifestações. Eles reivindicaram sua própria agenda, que se concentrou no combate à corrupção e adotaram símbolos patrióticos, como o uso de camisetas da seleção, bandeiras e itens nas cores verde e amarelo (ROLNIK e ANDRÉS; 2023).

Apesar de ser consecutivamente eleito ao longo dos anos, é nas eleições de 2014 que pela primeira vez Bolsonaro alcança a marca de deputado mais votado no Rio de Janeiro na disputa pela Câmara Federal, com 464.565 votos. Este número expressivo revela uma ampla adesão à sua agenda política. No discurso⁹ proferido no dia 14 de outubro de 2014, logo após o primeiro turno, ele reafirmou seu compromisso com os temas da redução da maioria penal, apoio absoluto aos militares e, principalmente, o que ele denomina de “questões ideológicas”, como a relação diplomática do então governo petista com países considerados “ditaduras”

⁹ Disponível em: <<https://encurtador.com.br/eCHQ3>> Acesso em: 27 jun. 2023.

Em relação às questões ideológicas, cada vez que a Presidente vai à ONU é um vexame: são pedidos de diálogo com decapitadores; pedidos a Israel para que não reaja aos ataques do Hamas; apoio do Governo brasileiro ao governo da Bolívia, quando ele expropria uma das nossas refinarias de petróleo, colaborando com o Paraguai para que multiplique por três o que recebe de tarifa da energia produzida por Itaipu, imiscuindo-se em assuntos internos de outros países, sempre defendendo ditaduras e ditadores (BOLSONARO, 2014)

Dentre os assuntos do discurso ainda são citados o Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (PNPCDH-LGBT), a Lei da Palmada e o Programa Mais Médicos. Além disso, reiterou suas alianças políticas ao dialogar com a bancada BBB: evocando diversas vezes seu apoio aos militares e ao seu filho, o policial federal Eduardo Bolsonaro; dialogando amigavelmente com o Pastor Marco Feliciano e agradecendo o apoio dos evangélicos do Rio de Janeiro. Por fim, ele ainda menciona os conflitos do Vale do Ribeira e Eldorado Paulista - locais muito visados pela bancada do agronegócio.

A candidatura de Bolsonaro sempre foi construída e fortalecida através do acirramento das divergências políticas e da ênfase na moralização do debate público. Esse discurso foi possível porque houve, também, um discurso que desmoralizou os governos anteriores, fomentado pela grande imprensa, retratando seus oponentes não apenas como adversários políticos, mas também como inimigos morais e religiosos. Essa abordagem política baseia-se na criação de inimizades, em que o outro é comumente retratado como algo absolutamente negativo, uma ameaça à forma de existência e que, portanto, deve ser eliminado (SOLANO, 2019).

A perspectiva da autora se refere ao período eleitoral de 2018, e faz-se interessante trazê-la neste momento, pois a intenção desta pesquisa é tratar retrospectivamente ao que fez de Bolsonaro um candidato viável à presidência. Nesse sentido, pretende-se evidenciar que tais elementos já estavam presentes desde o início de sua vida política, alguns autores, inclusive, apontam que esta visão faz parte do próprio treinamento das forças armadas (CASTRO, 2023; LEIRNER, 2022) e ganharam mais força à medida que o mesmo ganha espaço na mídia e, por consequência, alcança mais votos durante as eleições.

É essencial enfatizar que este estudo não se concentrou na investigação da conexão entre Bolsonaro e sua família nas milícias, tampouco teve à sua disposição

os recursos, métodos e teorias necessários para uma análise criteriosa desse tema. Além disso, no que diz respeito a compra de votos, em especial na cidade do Rio de Janeiro, e a relação política e pessoal de Bolsonaro com esses assuntos também não foram minuciosamente examinadas.

Jair Bolsonaro, mesmo envolvido em diversas polêmicas e enfrentando quase 30 pedidos de cassação de mandato no Congresso Nacional, muitos relacionados a violações de decoro parlamentar (DIBAI, 2018), destacou-se ao abordar temas pouco abraçados por outros candidatos. Dentre os assuntos sempre estavam presentes o tema de segurança pública, flexibilização do porte de armas, nacionalismo exacerbado, retórica conservadora, antipetista e anticorrupção, juntamente com uma abordagem de liberalismo radical. Esses posicionamentos contribuíram para consolidá-lo como uma figura proeminente na extrema-direita brasileira, conquistando crescente visibilidade ao longo dos anos (MELO, 2019).

Michael Löwy (2015) explica que a nova direita é um fenômeno internacional que vem em constante ascensão desde os anos 90 e tem como algumas justificativas para seu ressurgimento - pelo menos num contexto europeu - o crescente desemprego e a xenofobia causada pela constante imigração, reforçando um extremo nacionalismo. O autor ainda acrescenta que quando se trata de segurança pública, grande parte da nova direita é defensora de medidas fortemente coercitivas em relação a insegurança, tendo como soluções para esta a “repressão policial, extensão das penas de prisão e a reintrodução da pena de morte” (LÖWY, 2015, p. 654).

Sobre a nova direita brasileira, vemos que esta tem certas facetas singulares que conferem a ela especificidades frente à nova direita mundial, como i) o libertarianismo conservador, no qual define o mercado como regulador máximo das relações sociais; ii) o fundamentalismo religioso, que se apoia em Deus e na verdade absoluta revelada, anulando possibilidades de debate - inclusive científico; iii) o anticomunismo, como argumento de ameaça que ronda o Brasil (MIGUEL, 2018); iv) a "bandeira" do combate à corrupção; v) “o saudosismo a ditadura militar” (LÖWY, 2015, p. 663), e grande apelo aos militares (MIGUEL, 2018), considerada por Löwy (2015) a principal especificidade.

Na mesma linha de argumentação, Ivan Silva (2021, p. 2), em diálogo com a literatura recente sobre a ascensão da nova direita, sintetiza em cinco pontos as características desse grupo: a) a guerra cultural como precedente para a conquista do poder político; b) discurso anti-intelectual, de desconfiança e ataque às universidades públicas; c) valorização do homem médio e do senso comum em contraposição a elites políticas que não representam mais seus interesses; d) a adoção de performance politicamente incorreta; e e) junção de um dogmatismo econômico de defesa do *laissez-faire* somado a uma visão conservadora dos costumes.

Neste trabalho, o termo "direita" também será compreendido de acordo com a definição encontrada na literatura nacional (CHALOUB e PERLATTO, 2019; CEPÊDA, 2021) a qual adota uma perspectiva crítica em relação a certos valores e direcionamentos políticos geralmente associados ao campo progressista e à "esquerda"¹⁰. Esses valores incluem a defesa do papel do Estado na regulação do livre mercado, a promoção da redistribuição de renda e a implementação de políticas de ações afirmativas voltadas para a inclusão de minorias.

No campo da segurança pública essas diferenças se tornam ainda mais evidentes. Enquanto a esquerda sustenta que a falta de oportunidades e a marginalização de muitos indivíduos são os principais fatores que conduzem à violência e à criminalidade, a direita, mais uma vez, divide os indivíduos em dois grupos distintos: os "honestos" e os "delinquentes". De acordo com essa visão, o segundo grupo é tido como responsável por perturbar a ordem pública e, portanto, deveriam ser contidos, separados e, em casos extremos, punidos através da pena de morte (MOTTA; POSSENTI, 2008).

Em síntese, sob a perspectiva da esquerda, o aperfeiçoamento da segurança pública está intrinsecamente ligado à melhoria das condições de vida da população, por meio de medidas que promovam maior justiça social. Por outro lado, para a direita, o enfrentamento da violência e aprimoramento da segurança baseiam-se principalmente no aumento da ação repressiva do Estado, através do isolamento ou

¹⁰ Sobre a dualidade entre esquerda e direita ver BOBBIO, Norberto. Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política. 3. ed. São Paulo: Unesp, 2011.; GIDDENS, Anthony. Para além da esquerda e da direita: o futuro da política radical. São Paulo: Unesp, 1996.

eliminação daqueles que não aderem às normas estabelecidas (MOTTA; POSSENTI, 2008).

Essa dinâmica se evidencia nas declarações de Bolsonaro, desde seu surgimento como uma figura "polêmica" em programas de TV até sua expressiva vitória nas eleições para deputado federal em 2014. Além disso, o acentuado agravamento das divergências entre direita e esquerda foi impulsionado pela mídia, especialmente a partir dos movimentos ocorridos em junho de 2013.

De acordo com o teórico da comunicação Denis McQuail (2012), embora os sistemas de mídia possam ser considerados aleatórios, resultantes das estruturas históricas e institucionais específicas de cada país, existem apenas dois modelos regulatórios que estabelecem, de forma jurídica, as diretrizes para o funcionamento dos meios de comunicação: o modelo do mercado e o modelo do "não" mercado (sistema público).

O primeiro opera com base na lei da oferta e demanda, proporcionando voz àqueles que podem pagar, ou seja, a produção de informações e entretenimento é impulsionada pela demanda do público, avaliada por meio de pesquisas de audiência e pela atratividade aos anunciantes e patrocinadores comerciais. Nesse modelo, a lógica da competição assume um papel central, o que acarreta em alguns problemas como a propensão de favorecer grupos de consumidores de alta renda em desfavor aos menos abastados. Além disso, esse modelo também está associado a altos custos de acesso, como os de assinatura de TV e internet, bem como à homogeneização dos padrões culturais, resultando na marginalização de conteúdos locais ou regionais e a falta de representatividade das minorias e atores políticos periféricos em relação ao centro do sistema político (MCQUAIL, 2012).

O segundo modelo está intrinsecamente ligado à existência de uma legislação que regula a veiculação dos meios de comunicação, com o propósito de evitar o monopólio e a propriedade cruzada dos mesmos. É importante ressaltar que este modelo não é o que conhecemos como o conceito tradicional de "Televisão Estatal"; seu objetivo principal é mediar a relação entre o Estado e a sociedade no âmbito do jornalismo e da cultura (MCQUAIL, 2012).

Isso adquire relevância significativa quando direcionamos nossa atenção para o panorama midiático brasileiro, no qual prevalece predominantemente o primeiro modelo descrito por McQuail, onde quatro famílias detêm o monopólio dos meios de comunicação nacional. Essas famílias são: os Marinho (Grupo Globo), os Civita (Grupo Abril/Veja), os Frias (Grupo Folha) e os Mesquita (Grupo Estado). Sob a influência desses conglomerados, uma máquina de propaganda inabalável foi posta em prática, criando um ambiente propício para a formação da opinião pública e propaganda partidária (LOPES, 2016).

Um exemplo que ilustra o papel da mídia na formação da opinião pública é o discurso antipetista, que, de acordo com os autores João Feres Júnior e Juliana Gagliardi (2019), embora esteja presente na mídia há pelo menos 30 anos, indiscutivelmente intensificou-se nos últimos anos, sobretudo a partir de 2013, durante as Jornadas de Junho, seguido pela operação Lava Jato em 2014, e posteriormente em eventos que incluíram ataques diretos ao Partido dos Trabalhadores (PT), como o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff em 2015 e a condenação e prisão de Lula em 2018.

A Agenda Setting¹¹ ajuda a olhar os efeitos de longo prazo das ações da mídia nos temas que se apresentarão como de maior preocupação social, por exemplo a violência e a segurança pública.

Na sociologia, Erving Goffman (1974) desenvolveu inicialmente a teoria metodológica de enquadramento, também conhecida como *framing analysis*. Em sua obra - *Frame analysis: an essay on the organization of experience* - a ideia central versa na concepção de que a vivência de cada pessoa é moldada pela forma como ela interpreta e enquadra a realidade ao seu redor.

Em outras palavras, a percepção e descrição dos fenômenos sociais são influenciadas pelo nosso conhecimento sobre o assunto, pois constantemente buscamos compreender o que está ocorrendo ao nosso redor. Nessa busca incessante por respostas, moldamos nossa percepção do ambiente em que estamos inseridos, interpretando a situação de acordo com nossos próprios referenciais

¹¹ A teoria do agenda-setting, quando aplicada ao âmbito da comunicação, visa compreender a habilidade dos meios de comunicação de massa em destacar certos tópicos e como isso influencia os indivíduos a incorporarem esses tópicos em suas listas de prioridades, devido à influência exercida pelos meios de comunicação.

interpretativos, que podem ser individuais, compartilhados ou socialmente construídos (GOFFMAN, 1974).

Nesse sentido, observamos como a nova direita se beneficiou do discurso antipetista da imprensa como ferramenta estratégica para suas abordagens políticas, aproveitando para direcionar as discussões e moldar a importância dos temas em pauta. Esses debates adentram diversas esferas da vida dos indivíduos, incluindo o âmbito familiar, escolar e outras esferas comuns do cotidiano, exercendo influência na construção das narrativas que servem como base para a formação da opinião pública (FERES JR e GAGLIARDI, 2019).

Em consonância a isso, a teoria da agenda setting sugere que, ao selecionar determinados assuntos e negligenciar outros, a mídia exerce influência ao definir quais temas, acontecimentos e agentes são considerados relevantes para a divulgação das notícias. Ademais, ao destacar essas questões, seja de forma positiva ou negativa, a mídia estabelece uma hierarquia de importância entre os objetos abordados (ROJO, 2006).

Tendo em conta a importância da mídia na formação de narrativas políticas e na moldagem da percepção pública, é possível observar que a nova direita tem utilizado esse meio para construir narrativas que reforcem sua perspectiva de mundo, promovendo uma agenda política conservadora e contestando valores e ideias mais progressistas. Questões como corrupção, segurança pública e conservadorismo social têm sido capitalizadas não apenas durante períodos eleitorais, mas sobretudo entre os períodos de eleições. De acordo com Feres Júnior e Gagliardi (2019), o discurso conservador e antipetista da imprensa também contribuiu para o desgaste das instituições democráticas brasileiras.

Não é presunçoso afirmar que o medo da violência afeta a forma como as pessoas se relacionam e vivem em sociedade e desse modo a segurança pública torna-se prioridade no debate público (BUENO, 2019). Nesse sentido, a trajetória política e midiática de Jair Bolsonaro assume uma relevância significativa especialmente no que se refere ao tema da segurança. Isso se deve ao crescimento de uma onda conservadora no país, vinculada ao surgimento de uma nova direita mundial que tem elegido cada vez mais políticos considerados de direita (CIOCCARI, PERSICHETTI, 2018).

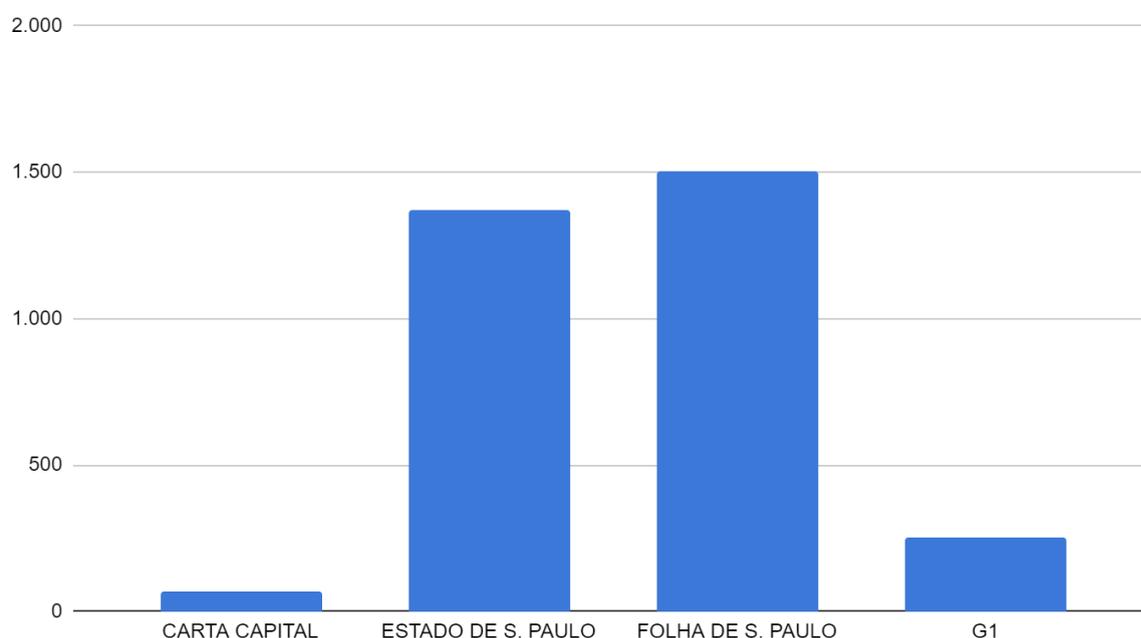
Na seção subsequente, nosso objetivo será analisar a cobertura da imprensa nas declarações de Bolsonaro durante o período compreendido entre janeiro de

2016 e maio de 2018, a fim de avaliar a extensão do espaço concedido a suas falas. A proposta é destacar que a divulgação acrítica das declarações de Bolsonaro pelos veículos jornalísticos, durante sua atuação como deputado federal, revela a ausência frequente de questionamento e contextualização adequados por parte dos jornais que as veiculam. A hipótese é que a ausência crítica pode ter sido justificada em nome da suposta neutralidade jornalística, na qual os meios de comunicação buscam adotar uma abordagem imparcial ao relatar os acontecimentos. Essa imparcialidade, no entanto, possibilitou que as estratégias da nova direita aproveitassem o espaço disponível para promover sua agenda política.

Ecossistemas perigosos: a abordagem da imprensa sobre Jair Bolsonaro

Para entender como a imprensa recebe Jair Bolsonaro no ambiente de notícias que envolvem os temas da violência e da segurança pública, bem como compreender qual imagem pública é produzida sobre ele neste contexto, separamos a partir dos sites oficiais de cada veículo midiático - ESP, FSP, CC e G1 - todas as notícias publicadas no período de janeiro de 2016 a maio de 2018¹². Nesta primeira coleta, utilizamos como filtro a palavra-chave “Jair Bolsonaro”, com o devido cuidado de não incluir seus filhos ou outros membros da família. Dessa forma, localizamos um total de 3.199 notícias, sendo 1.371 provenientes do ESP, 1.504 da FSP, 254 do G1 e apenas 70 da CC.

Gráfico 1. Total de matérias que citam “Jair Bolsonaro”

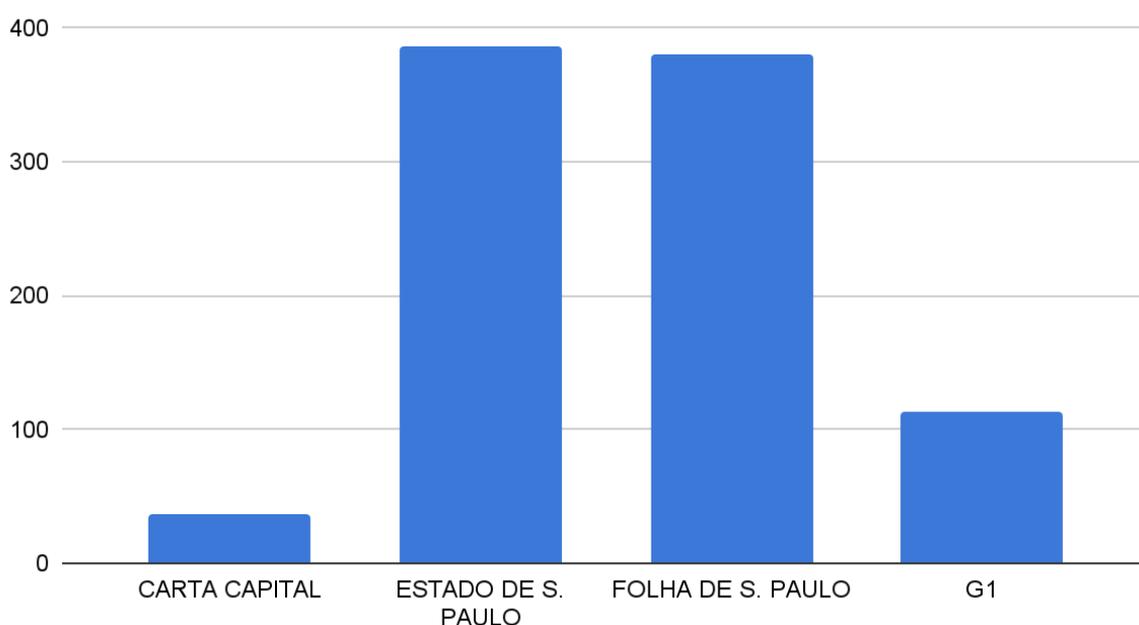


Fonte: sites oficiais da Carta Capital, Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e G1 da Globo.
Dados organizados pela autora.

¹² Um mês antes de Jair Bolsonaro se tornar oficialmente pré-candidato à Presidência de acordo com o calendário eleitoral do TSE.

Após essa primeira coleta, filtramos novamente o montante a partir das palavras-chaves “segurança”, “porte de armas”, “polícia”, “direitos humanos”, “pena de morte”, “idade penal” e “violência”. Assim, nosso novo *corpus* totalizou 917 notícias, divididas entre 387 do ESP, 381 da FSP, 113 do G1 e 36 referentes a CC, tal qual mostrado no gráfico 2. As notícias selecionadas seguiram para uma planilha, que serviu como banco de dados contendo informações técnicas como título, data, palavra-chave e link, além de informações de conteúdo com trechos relevantes de cada matéria.

Gráfico 2. Total de matérias que relacionam Jair Bolsonaro e Segurança Pública



Fonte: sites oficiais da Carta Capital, Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e G1 da Globo. Dados organizados pela autora.

É fundamental enfatizar algumas decisões que tiveram impacto na coleta dos dados para este trabalho. Em alguns dos jornais analisados, encontramos matérias duplicadas, o que levou à exclusão das cópias redundantes. Além disso, optamos por excluir da coleta as páginas que consistiam puramente em comentários de leitores e materiais que não apresentavam qualquer relação com a temática de segurança pública, mas que, de alguma forma, passaram pelo filtro de palavras-chave inicial. Esse processo resultou na redução do número de matérias

presentes na amostra, mas garantiu a qualidade e relevância dos dados após a organização do banco de dados.

Todas as matérias foram baixadas no formato PDF e armazenadas em um serviço de nuvem. Esse método de armazenamento foi adotado com a finalidade de assegurar a disponibilidade dos dados para análise, caso alguma notícia fosse removida do ambiente online ao longo do tempo.

Ao chegarmos ao número final de matérias após esse processo, foi possível constatar uma certa regularidade na cobertura jornalística, especialmente nos jornais "Estadão" e "Folha de S. Paulo", ao longo do tempo. Embora tenham havido algumas diferenças em determinados meses, como por exemplo em setembro de 2016, quando o primeiro jornal veiculou 6 matérias e o segundo apenas 1, ou em março de 2017, quando a FSP publicou 14 manchetes sobre a temática e o ESP somente 6, observamos uma tendência de similaridade na quantidade de matérias publicadas por mês/ano, como pode ser observado na tabela 1.

Tabela 1. Total de matérias que relacionam Jair Bolsonaro e Segurança Pública

	Carta Capital			Estado de SP			Folha de SP			G1 da Globo		
	2016	2017	2018	2016	2017	2018	2016	2017	2018	2016	2017	2018
Jan	0	1	0	2	1	29	2	2	29	3	1	2
Fev	1	1	0	2	9	37	3	5	20	1	3	0
Mar	1	3	0	4	6	46	8	14	39	2	4	7
Abr	3	2	2	21	8	40	21	9	45	16	4	4
Mai	0	3	0	5	4	37	9	6	43	6	2	3
Jun	0	1	-	4	1	-	13	4	-	4	2	-
Jul	1	1	-	3	6	-	9	7	-	4	1	-
Ago	2	1	-	4	15	-	1	12	-	5	5	-
Set	1	1	-	6	8	-	1	10	-	6	4	-
Out	1	6	-	4	22	-	2	21	-	6	6	-

Nov	2	1	-	5	23	-	5	20	-	2	4	-
Dez	1	0	-	5	30	-	2	19	-	4	2	-
Total	13	21	2	65	133	189	76	129	176	59	38	16

Fonte: sites oficiais da Carta Capital, Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e G1 da Globo.
Dados organizados pela autora.

As planilhas que constituíram o banco de dados das matérias foram estruturadas em sete colunas, identificadas de A a G e replicadas para os quatro jornais analisados. A organização se deu da seguinte forma:

A primeira coluna (A) registrou o título das reportagens filtradas, enquanto a segunda coluna (B) foi destinada ao armazenamento das palavras-chave que levaram à seleção das matérias. As colunas subsequentes (C e D) foram utilizadas para indicar o mês e o ano de publicação das reportagens, permitindo uma localização temporal precisa dos conteúdos analisados.

As duas seguintes (E e F), nomeadas como “trecho geral” e “trecho Bolsonaro” respectivamente, foram reservadas para a inclusão de excertos significativos extraídos dos textos das reportagens, sendo a coluna E destinada à percepção da mídia sobre Jair Bolsonaro, enquanto a coluna F foi dedicada às falas diretas do então deputado federal. Vale ressaltar que, na seleção das falas diretas, priorizou-se o critério de transcrição exata do discurso do autor, a fim de garantir a precisão das informações. Por fim, a última coluna (G) foi destinada à inclusão de links que direcionam à consulta integral das manchetes no site dos jornais, assegurando a acessibilidade das fontes utilizadas.

Figura 1. Banco de matérias Folha de São Paulo

A	B	C	D	E	F	G
MATÉRIA	PALAVRA-CHAVE	MÊS	ANO	TRECHO GERAL	TRECHO BOLSONARO	LINK
O que pensam os gays que apoiam Bolsonaro e rechaçam Jean Wyllys	pena de morte; porte de armas; direitos humanos;	Junho	2016	Os motivos que o levam a exaltar o deputado se repetem nas falas de outros de seus apoiadores na comunidade gay ouvidos pela BBC Brasil. As opiniões de Bolsonaro sobre o porte de armas e a pena de morte estão entre algumas das razões mais citadas.		https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/06/1779411-e-
Pré-candidato, Bolsonaro tenta criar a 'extrema direita light'	violência;	Junho	2016		O deputado nega que tenha sido favorável a ditaduras, "muito menos" à tortura, embora, contraditoriamente, faça apologia do regime militar, em que a prática está fartamente documentada. "Eu defendo a verdade sobre o período. Você tinha direito de ir e vir. Não tinha essa violência que está aí fora. E com essa de tortura que você fala aí, olha, é tática de qualquer pessoa aprisionada falar que foi maltratada para buscar compaixão."	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/06/1779759-pr
Punição para Bolsonaro!	idade penal;	Junho	2016	As palavras fazem sentido. Se Bolsonaro diz que Maria do Rosário não "merece" ser estuprada por ele porque a despreza, está dizendo o evidente: há as que merecem. E as mulheres que ele admira correm mais riscos. Exagero na interpretação? Não! Em entrevista ao Jornal "Zero Hora", foi inequívoco: "Ela não merece [ser estuprada] porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia. Não faz meu gênero. Jamais a estupraria". Fosse Rosário, a seu critério, boa e bonita e fizesse seu gênero, então sim.		https://www1.folha.uol.com.br/columnas/reinaldoazevedo/2
Quinta tem estreia de 'Gabriela, um Musical' e protesto na USP	pena de morte; policia;	Junho	2016		Na tentativa de ampliar seu eleitorado, o deputado Jair Bolsonaro (PSC-RJ) diz que abriu mão de posições polêmicas como a defesa da pena capital. "A Constituição não permite pena de morte, prisão perpétua nem trabalho forçado", declarou. O mesmo argumento é usado ao comentar o direito ao aborto em caso de estupro. "Não vou discutir, já é lei. Se alguém apresentar projeto para revogar, é outra história."	https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/hoje/2016/06/177
Um palanque para o ódio	violência;	Junho	2016		Depois do ataque no plenário, o deputado repetiu a ofensa em entrevista. "Ela não merece [ser estuprada] porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero. Jamais a estupraria", disse.	https://www1.folha.uol.com.br/columnas/bernardomellofran

Fonte: site oficial da Folha de S. Paulo. Dados organizados pela autora.

Durante o processo de seleção dos trechos considerados relevantes de cada matéria, observou-se que algumas delas, apesar de conterem as palavras-chave selecionadas para o universo da pesquisa e mencionarem explicitamente o então deputado Jair Bolsonaro, não abordavam diretamente sobre ele. Com o objetivo de manter no banco de dados somente as matérias relevantes para a análise, foi atribuído o comentário em negrito "Bolsonaro apenas citado" às respectivas colunas E e F.

Essa organização sistemática das planilhas viabilizou uma análise abrangente e estruturada das reportagens selecionadas e das declarações públicas de Jair Bolsonaro, contribuindo para uma compreensão aprofundada da relação entre a mídia, as percepções sobre o político e seus discursos durante o período de estudo.

Isto posto, para esta seção nosso objetivo é discutir qual ênfase editorial cada jornal pesquisado teve ao longo dos anos em relação a Jair Bolsonaro, procedemos à análise de conteúdo seguindo os parâmetros estabelecidos em Oliveira e Ribeiro (2021) identificando as narrativas, padrões e relacionamentos presentes nas matérias reunidas.

Num primeiro momento, ao analisar mês a mês de cada ano observado, é possível constatar, ao longo do tempo, o aumento da cobertura feita em torno do deputado nos veículos que denominamos inicialmente de mídia tradicional, ao passo que as categorizadas mídias progressistas não apresentaram aumento significativo no caso da CC e diminuindo quando se trata do jornal G1 (ver tabela 1).

É importante sinalizar ainda o contexto político no qual o Brasil estava inserido, sobretudo no ano de 2016. O esgotamento do modelo político pós transição democrática intensificado com as manifestações de Junho de 2013 aliado, dentre outros motivos, a sucessivas crises econômicas globais, desencadeou um agravamento da crise e polarização política no país (FREIXO & PINHEIRO MACHADO, 2019, p. 13), este quadro acarretou num isolamento político da então presidente Dilma Rousseff e deu munição para o aceite dos excessivos pedidos de impeachment.

Em abril de 2016, a Câmara dos Deputados, por meio de Comissão Especial, aprovou o parecer do relator favorável à abertura do processo de *impeachment* contra a então presidenta Dilma Rousseff¹³.

Diante dessas informações, é perceptível que a cobertura jornalística em torno de Jair Bolsonaro se intensifica justamente a partir deste momento, em que o deputado tem sua visibilidade ampliada após discurso fazendo apologia a Carlos Alberto Brilhante Ustra, coronel do Exército Brasileiro e ex-chefe do DOI-CODI e responsável por sessões de tortura contra opositores(as) da ditadura, entre elas a própria Dilma

Nesse dia de glória para o povo brasileiro, tem um nome que entrará para a história nessa data pela forma como conduziu os trabalhos dessa Casa. Parabéns presidente Eduardo Cunha. Perderam em 64, perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve. Contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff. Pelo Exército de Caxias, pelas nossas Forças Armadas, por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim (BOLSONARO, 2016).

¹³ Cronologia do golpe. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/cronologia-do-golpe/>>. Acesso em: 21 abr. 2023.

Enquanto veículo midiático, a Carta Capital se limitou a publicar¹⁴ duas matérias sobre o acontecido. Na primeira, intitulada "O impeachment é o menor dos nossos problemas"¹⁵, o jornal não apenas apresenta críticas ao longo do texto sobre os comentários feitos pelos demais deputados durante a votação, como também inclui um trecho do discurso proferido por Jair Bolsonaro e faz questão de deixar clara sua posição sobre o discurso do então deputado:

Bolsonaro protagonizou uma das declarações mais chocantes, mas coerentes com as posturas já demonstradas publicamente em outras ocasiões, ao exaltar o coronel Carlos Brilhante Ustra, um dos mais conhecidos torturadores do regime militar. "Perderam em 64, perderam em 2016. Pela família e a inocência das crianças. Em memória do Coronel Ustra", declarou Bolsonaro ao proferir seu voto (CARTA CAPITAL, 2016).

Já a segunda matéria, "Da democracia à teocracia"¹⁶, embora não apresente nenhuma citação direta do deputado, tampouco dedique tanto espaço do texto para abordá-lo especificamente, aproveita o momento para tecer críticas acerca da infame votação.

No jornal O Estado de S. Paulo, após a filtragem com palavras-chave selecionadas, foram encontradas 21 matérias ao longo do mês de abril, sendo que pelo menos 15 delas abordaram a votação do *impeachment*. No entanto, nenhuma dessas matérias concedeu espaço para falas diretas de Jair Bolsonaro. As edições apresentaram manchetes que abordavam o assunto de forma abrangente, outras incluindo suas consequências, como observado na matéria intitulada "Cinco partidos e Instituto Vladimir Herzog vão à Procuradoria contra Bolsonaro" e também editoriais com análises, como o artigo intitulado "Homenagem a Ustra feita por Bolsonaro é um ato de guerra"¹⁷, o autor delinea o campo conceitual que posiciona Dilma e Ustra em polos opostos, e atualiza a "guerra" a cada vitória ou derrota de um dos envolvidos.

É relevante destacar que o veículo adotou uma linguagem polida e formal em todas as matérias com caráter de notícia. Ao abordar as ações de Jair Bolsonaro, o

¹⁴ O termo "publicar" aqui é utilizado para fazer referência ao número de matérias que a autora coletou e que passou pelo filtro de palavras-chave da pesquisa.

¹⁵ Disponível em:

<<https://www.cartacapital.com.br/politica/o-impeachment-e-o-menor-dos-nossos-problemas/>> Acesso em 30 jul. 2023.

¹⁶ Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/da-democracia-a-teocracia/>>. Acesso em 30 jul. 2023.

¹⁷ Disponível em:

<<https://www.estadao.com.br/politica/analise-homenagem-a-ustra-feita-por-bolsonaro-e-um-ato-de-guerra/>>. Acesso em 30 jul. 2023.

Estadão evitou utilizar adjetivos para expressar juízo de valor, sejam positivos ou negativos, mantendo-se imparcial nesse aspecto.

Reforçando essa posição de “neutralidade jornalística”, o Manual de Redação e Estilo do O Estado de S. Paulo (1997), enfatiza: “faça textos imparciais e objetivos. Não exponha opiniões, mas fatos, para que o leitor tire deles as próprias conclusões” (MARTINS FILHO, 1997, p. 17). E acrescenta que o espaço reservado para redações de cunho críticos seriam as colunas editoriais.

A Folha de S. Paulo, por sua vez, também publicou 21 matérias filtradas no mesmo período, das quais 13 abordaram a temática discutida até o momento. Em contrapartida ao Estadão, a Folha apresentou três matérias que concederam espaço direto para as declarações de Bolsonaro.

Ao publicar a matéria “Bolsonaro deixa ativistas 'estarecidos' e leva OAB a pedir sua cassação”¹⁸, mesmo recortando trecho da fala do deputado durante a votação do impeachment, o jornal busca preservar uma suposta neutralidade jornalística ao não classificar o teor do discurso. No entanto, é possível observar na passagem subsequente, a reprodução dos adjetivos cunhados por militantes de direitos humanos

"Estarecedor". "Execrável". "Deprimente". Esses foram alguns dos termos usados por ativistas de direitos humanos ao comentarem a homenagem feita pelo deputado Jair Bolsonaro (PSC-RJ) ao coronel Ustra, o primeiro militar reconhecido pela Justiça brasileira como torturador (FOLHA, 2016).

Ainda em abril, a FSP cobre as repercussões da sessão no plenário e, mais tarde, no final do mês, destina espaço para a publicação de duas matérias "resumos" do ocorrido: "Treze momentos marcantes da votação do impeachment"¹⁹ e "Veja frases dos deputados durante a votação do impeachment"²⁰; onde novamente apresenta apenas a declaração literal do deputado e de outros políticos igualmente controversos.

¹⁸ Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/04/1762849-bolsonaro-deixa-ativistas-estarecidos-e-leva-oab-a-pedir-sua-cassacao.shtml>> Acesso em 06 ago. 2023.

¹⁹ Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/04/1762168-doze-momentos-marcantes-da-votacao-do-impeachment.shtml>> Acesso em 06 ago. 2023

²⁰ Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/04/1762082-veja-frases-dos-deputados-durante-a-votacao-do-impeachment.shtml>> Acesso em 06 ago. 2023.

Quando direcionamos nosso olhar para o G1, é evidente o aumento significativo no número de matérias encontradas. Embora nem todas elas abordem diretamente a temática da cassação do mandato de Dilma Rousseff, podemos constatar que a votação para o impeachment representou um ponto de virada na maneira como a mídia passou a abordar Jair Bolsonaro.

A primeira matéria²¹ veiculada sobre o assunto se destaca um pouco em relação aos demais jornais analisados. Embora traga a fala do deputado, a manchete concentra-se na história de uma vítima das torturas durante a ditadura. O portal inicia o texto com a citação direta do discurso de Bolsonaro na Câmara, em seguida apresenta o acontecimento da sessão de votação, destacando que "as declarações geraram polêmica". No parágrafo seguinte fornece também um contexto sobre a figura do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra e seu papel nos anos de chumbo. Posteriormente, dá voz ao entrevistado, do qual cerca de 10 citações são transcritas ao longo do texto. Em uma delas, ele afirma:

"E se ele [Bolsonaro] o fizer [pregar o retorno da ditadura], temos todo o direito de contestá-lo e colocá-lo em seu devido lugar. Bolsonaro não vai conseguir impingir ao Brasil sua ideologia doente, ultrapassada e fascista. O caso dele é com a Justiça", afirma ele (G1, 2016).

Ao longo do mês, foram identificadas pelo menos mais três matérias em que o G1 concedeu espaço ao deputado, reproduzindo diretamente seus discursos e/ou suas declarações sobre o assunto. Além disso, no mínimo duas matérias foram dedicadas a abordar o acontecido ou suas consequências, como exemplificado pela manchete "OAB aguarda retorno da Anatel antes de ação contra alteração na internet"²², que retoma o caso e inclui uma nota da Ordem dos Advogados do Brasil.

Ao anunciar seu voto a favor do prosseguimento do processo de impeachment de Dilma, Bolsonaro exaltou a memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, primeiro militar brasileiro a responder por um processo de tortura durante a ditadura (1964-1985). A OAB, por meio de nota, afirmou que "repudia de forma veemente" as declarações do deputado (G1, 2016)

Embora não tenham sido filtradas apenas matérias voltadas à cassação do mandato de Dilma Rousseff, as manchetes veiculadas ao longo do ano de 2016, em

²¹ Disponível em: <<https://glo.bo/1rhcEgg>>. Acesso em 30 jul. 2023.

²² Disponível em: <<https://glo.bo/1phPowN>>. Acesso em 30 jul. 2023.

grande parte, estavam relacionadas a esse episódio e visivelmente projetaram a figura de Jair Bolsonaro na mídia.

Em 2017, ano em que o deputado anuncia sua pré-candidatura à presidência, a cobertura jornalística em torno de Bolsonaro continua se intensificando. Esse aumento é especialmente marcante quando comparamos a quantidade de matérias veiculadas em relação ao ano anterior. Calculando a porcentagem a partir das matérias que relacionam “Bolsonaro” e “Segurança Pública”, tanto a CC, como a FSP mostram um crescimento significativo de mais de 60% na quantidade de manchetes, ao passo que o ESP alcança um impressionante aumento de 73%. Contudo, destaca-se que, contraditoriamente a essa amplificação, o G1 apresenta uma queda de 35% em sua cobertura.

Com 21 matérias filtradas em 2017, e pelo menos 10 delas mencionando brevemente Bolsonaro - sem conceder um destaque jornalístico relevante ao político -, é notório que a Carta Capital concentrou-se principalmente em editoriais de conjuntura política, em que constantemente enfatiza sua aversão ao deputado. Um exemplo disso pode ser encontrado numa edição de março intitulada “Precisamos decifrar o caos político (ou seremos devorados)²³” onde escreve:

E por falar em presidente, lembremos de Jair Bolsonaro. Temo não apenas os 10% que o apoiam, mas, principalmente, as lições que são passadas com impunidade de um homem que diz que algumas mulheres merecem (ou não) ser estupradas e que faz apologia a um torturador (CARTA CAPITAL, 2017).

Durante todo o ano, a CC só concede espaço para um trecho direto da fala de Bolsonaro em uma ocasião, que ocorre em outubro, na matéria intitulada “Nas ruas do Brasil, a ditadura ainda vive²⁴”. Nesse momento, a revista retoma o discurso proferido pelo político na Câmara dos Deputados em 2016, durante a sessão de votação do impeachment.

Um dos momentos mais dramáticos da política brasileira nos últimos anos, o impeachment de Dilma Rousseff (PT), foi deflagrado na Câmara dos Deputados. Jair Bolsonaro, ex-capitão do Exército e figura proeminente da extrema-direita, estava entre os deputados que votaram contra Dilma – e ele fez isso de maneira controversa (CARTA CAPITAL, 2016).

²³ Disponível em:

<<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/precisamos-decifrar-o-caos-politico-ou-seremos-devorados/>>. Acesso em: 06 ago. 2023

²⁴ Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/nas-ruas-do-brasil-a-ditadura-ainda-vive/>>. Acesso em 06 ago. 2023.

O cenário se inverte ao examinarmos o jornal O Estado de S. Paulo. Com um aumento significativo de 65 artigos em 2016 para 133 em 2017, conforme mostrou nosso filtro, esse meio de comunicação passou a dar mais ênfase a Jair Bolsonaro. No entanto, dentre essa ampla gama de manchetes selecionadas, apenas 12,78% correspondem às notícias que incorporam declarações diretas do parlamentar.

Em março, o escritor e jornalista Marcelo Rubens Paiva escreveu uma coluna intitulada “Os limites da tortura para Bolsonaro”²⁵ onde conta uma passagem envolvendo sua família e o então Deputado do PSC-RJ. Ao longo do texto, são colocadas diversas falas diretas do político abarcando alguns temas polêmicos, como violência, em que diz: “quando [eu] disse 'isso que dá torturar e não matar', foi uma resposta para os vagabundos aqui que estavam se vitimizando, que foram torturados pelos militares.” e “você não combate violência com amor, combate com porrada, pô. Se bandido tem pistola, [a gente] tem que ter fuzil.”. E ao final da coluna, o autor traz a reflexão

O ex-militar, réu por incitação ao crime de estupro e injúria, que já foi a favor de fechar o Congresso, fuzilar FHC, menos direitos aos empregados, mas contra a reforma da Previdência, não teme a Justiça nem o STF, e promete, se um dia "chegar lá", botar militares em metade dos ministérios. Fechar o Congresso, fuzilar um ex-presidente, questionar a liberdade de expressão, defender dopar presos e ser enérgico em depoimentos, homofóbico, perseguir comunistas, desprezar o sistema judiciário, prometer um governo regido por militares... Ideias que lembram o quê? (ESTADÃO, 2017)

Durante o ano, diversos editoriais semelhantes ao de Paiva foram publicados no Estadão. Aqui, é importante perceber que, seguindo as instruções presentes no Manual de Redação e Estilo do jornal, em grande parte das ocasiões em que surgem críticas às declarações de Bolsonaro, estas se manifestam predominantemente em espaços dedicados a editoriais, colunas de cunho cultural ou assuntos relacionados. No entanto, raramente são encontradas durante reportagens e textos de natureza jornalística.

As demais fontes filtradas não englobavam seu discurso direto e até mesmo apenas faziam menção ao seu nome. Em grande medida, essas manchetes estão relacionadas com a sua pré-candidatura, exemplificadas pelas matérias intituladas

²⁵ Disponível em:

<<https://cultura.estadao.com.br/blogs/marcelo-rubens-paiva/os-limites-da-tortura-para-bolsonaro/>> . Acesso em 10 ago. 2023

“Desempenho em sondagem eleitoral abre 'leilão' de Bolsonaro”²⁶, “Dono da Riachuelo afirma que candidatura de Bolsonaro 'não terá sucesso' e defende Doria”²⁷ e “Bolsonaro suaviza discurso militar e exalta democracia”²⁸, sendo trecho desta última:

Com as pesquisas eleitorais que mostram o deputado Jair Bolsonaro (PSC-RJ) possivelmente figurando em um eventual segundo turno, começa a sair de cena, discretamente, o homem que afirmou um dia ser a “ditadura militar uma época maravilhosa” e que já se declarou “favorável à tortura”. Agora, para ampliar o seu eleitorado, Bolsonaro tenta se aproximar do centro, enviando sinais de que “sempre foi um defensor da Constituição e da democracia” (ESTADÃO, 2017).

Na mesma linha de análise, o filtro encontrou, na Folha de S. Paulo, um total de 129 artigos, dos quais pelo menos 35,5% consistiam em menções ao político e somente 18,6% abordavam diretamente suas falas. De modo geral, as manchetes também mantiveram o enfoque no tema de sua pré-candidatura à presidência nas eleições de 2018, assemelhando-se ao padrão observado no jornal O Estado de S. Paulo.

Contudo, é interessante notar algo singular. Em março de 2017, a FSP publicou uma entrevista²⁹ realizada com o deputado, com cerca de 30 perguntas, o que garantiu a ele um grande espaço de tela. Dentre os diversos tópicos abordados, aspectos relacionados à segurança pública, como a questão da violência e o papel dos militares em seu possível governo, ganharam destaque nas perguntas do jornalista que, inclusive, insistiu em termos que já eram conhecidamente polêmicos nas falas de Bolsonaro.

Já no início da entrevista, quando perguntado sobre quais setores demonstravam apoio à sua candidatura nas eleições de 2018, ele respondeu: “tenho simpatia enorme das Forças Armadas e auxiliares, do público evangélico.”

²⁶ Disponível em:

<<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,desempenho-em-sondagem-eleitoral-abre-leilao-de-bolsonaro,70001669144>> Acesso em: 10 ago. 2023.

²⁷ Disponível em

<<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,dono-da-riachuelo-diz-que-candidatura-de-bolsonaro-na-o-vingara-e-defende-doria,70002054447>> . Acesso em: 10 ago. 2023.

²⁸ Como sinalizado durante o texto, esta é umas das matérias que encontra-se salva em arquivo PDF.

²⁹ Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/03/1865771-nao-e-a-imprensa-ou-o-stf-que-vai-falar-o-limite-para-mim-diz-bolsonaro.shtml>>. Acesso em: 12 ago. 2023

No momento em que foi questionado a respeito de suas declarações em defesa de métodos de tortura, o político explicou “quando disse ‘isso que dá torturar e não matar’, foi uma resposta para os vagabundos aqui que estavam se vitimizando que foram torturados pelos militares. Ninguém é favorável à tortura” e continuou após ser perguntado sobre o que considerava ser um método enérgico

Entrevistador: O que é método enérgico?

Bolsonaro: Tratar o elemento com a devida energia.

Entrevistador: Bater?

Bolsonaro: Não tem limite, pô. O cara senta ali, faz a pergunta, ele responde. Se não responde, bota na solitária. Fica uma semana, duas semanas, três meses, quatro meses... Problema dele.

Entrevistador: Com comida?

Bolsonaro: Dá comidinha para ele, dá. Dá um negocinho para ele tomar lá, um pãozinho, uma água gelada, um brochante na Coca-Cola, tá tranquilo.

Entrevistador: O que é brochante?

Bolsonaro: Calmante, um "boa-noite, Cinderela".

Ainda sobre esse tema, a FSP abordou sobre sua tendência de utilizar discursos violentos. A resposta foi: “você não combate violência com amor, combate com porrada, pô. Se bandido tem pistola, [a gente] tem que ter fuzil.”

Para encerrar a entrevista, Bolsonaro respondeu uma última questão relacionada à sua posição sobre o armamento da população:

Foram fazer um escracho na minha casa e ameaçaram entrar. Eu falei: "Se entrarem, não sairão". Agora o Ministério Público quer saber o que é "não sairão". É atirar neles. Não, "não sairão" é dar cafezinho, água gelada. Tenho três armas e muito cartucho. Ia embalar e dar balinha para chupar. Entra na minha casa, estupra minha mulher, fode a minha filha, e eu tenho que bater palmas para liberdade de expressão? Por isso que essa porra desse país está nessa merda aí. E por isso que o pessoal gosta de mim. Eu não estou maluco! E vocês, né, de esquerda, jornalista de esquerda está cheio, né? Vocês estão cavando a própria sepultura (FOLHA, 2017).

No mesmo mês, o jornal volta a dar espaço ao deputado veiculando a manchete intitulada “Porte de armas acabaria com 'mimimi' de feminicídio, diz Bolsonaro”³⁰, na qual relata sobre um vídeo no qual o político expressa mais uma vez seu apoio ao porte de armas. Ao longo do texto, a FSP reproduz sua declaração: “[o porte de armas é] para todos, inclusive para as mulheres... acabar com o 'mimimi', acabar com essa história de feminicídio. Com arma na cintura, vai ter é homicídio”.

³⁰ Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2017/03/1865159-porte-de-armas-acabaria-com-mimimi-de-feminicidio-diz-bolsonaro.shtml>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

Mais ao final do ano, a Folha de S. Paulo publica a matéria “Bolsonaro é recepcionado em Manaus por boneco de 12 metros”³¹, informando sobre a chegada do político à capital do Amazonas para a inauguração de uma escultura inflável em sua imagem, durante a cerimônia ele realiza um discurso em apoio à Polícia Militar: “se alguns dizem que quero carta branca pra Polícia Militar matar, eu respondo: 'Quero, sim. Policial que não atira em quem atira nele não é policial. Temos obrigação de dar uma retaguarda jurídica a esses bravos homens”. Poucos dias depois, a matéria “Após dar carta branca para PM matar, Bolsonaro recua e diz que é para 'não morrer”³² é publicada, na qual ele declara: “eu não quero dar carta branca pro policial matar, eu quero dar carta branca pro policial não morrer. E, se para não morrer, tem de matar, que faça o seu serviço”.

É necessário enfatizar que, mesmo diante das várias ocasiões em que a Folha de S. Paulo divulga declarações concretas de Bolsonaro, em nenhum dos casos são associadas críticas à sua conduta. Essa dinâmica é similar àquela observada nas publicações vinculadas ao O Estado de S. Paulo, onde tais considerações surgem somente em editoriais e colunas específicas.

Quando analisamos as publicações do G1 da Globo, é notável a diminuição no número de matérias filtradas de um ano para o outro: em 2016, eram 59, enquanto em 2017 esse número caiu para 38. Dessas 38 matérias, embora todas tenham passado pelo crivo de palavras-chave selecionadas para a pesquisa, pelo menos 20 delas contêm apenas menções ao nome ou ações muito específicas envolvendo Jair Bolsonaro, como as notícias³³ sobre “ovada” que recebeu em visita a Ribeirão Preto .

Apesar disso, as matérias seguem a mesma tendência encontrada nos demais jornais já analisados, concentrando-se na cobertura do candidato durante o processo eleitoral presidencial. No início do ano, o título “Candidatos apresentam

³¹ Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/12/1943288-bolsonaro-e-recepcionado-em-manaus-por-boneco-de-12-metros.shtml>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

³² Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/12/1943594-apos-dar-carta-branca-para-pm-matar-bolsonaro-recua-e-diz-que-e-para-nao-morrer.shtml>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

³³ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/bolsonaro-processa-padre-julio-lancelotti-e-pede-r-50-mil-por-danos-morais.ghtml>> e

<<https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/jair-bolsonaro-e-hostilizado-com-ovada-durante-visita-a-ribeirao-preto.ghtml>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

argumentos em discursos pré-eleitorais; detalhes das declarações”³⁴ foi publicado. No texto, é descrita uma sessão na Câmara dos Deputados, na qual seis candidatos à presidência da câmara expressam suas posições antes da votação. Dentre os concorrentes encontra-se Bolsonaro, sobre o político o portal escreve:

Bolsonaro também criticou o Supremo Tribunal Federal (STF) ao afirmar que a Corte “vem legislando continuamente”, citando decisões sobre aborto e a opinião do ministro Luiz Barroso sobre legalização de drogas. Integrante da bancada ligada a temas de segurança, conhecida como “bancada da bala”, Bolsonaro defendeu a votação de pautas polêmicas, como a revisão do Estatuto do Desarmamento (G1, 2017).

Dentre os jornais analisados, em 2017, a Folha de S. Paulo se destacou por proporcionar mais espaço às declarações de Bolsonaro, totalizando pelo menos 24 manchetes com citações diretas, em comparação com as 17 publicadas pelo O Estado de S. Paulo, 8 advindas do G1, e somente 1 da Carta Capital. Essa tendência observada, no que aqui caracterizamos como “mídias tradicionais”, deixa mais evidente que ao longo do período, houve um aumento gradual na concessão de espaço e voz a Jair Bolsonaro.

Antes de seguir para a análise das matérias veiculadas em 2018, é fundamental fornecer um contexto sobre o cenário político que moldava o Brasil naquele período. Voltando a 2016, o Senado tomou a decisão de afastar definitivamente Dilma Rousseff do cargo de Presidente da República, com 61 votos a favor e 20 contrários. Como resultado, Michel Temer (MDB), então vice-presidente, assumiu a presidência em 31 de agosto do mesmo ano. A ascensão de Temer ao governo representou uma mudança significativa em relação às administrações petistas anteriores (2003-2016). A partir da implementação de elementos do programa de seu partido, chamado “Uma Ponte para o Futuro”³⁵, a aprovação de agendas conservadoras, como o estabelecimento do teto de gastos e as reformas trabalhista e previdenciária foram viabilizadas por meio do processo de impeachment.

³⁴ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/politica/noticia/candidatos-pedem-voto-em-discursos-antes-da-eleicao-saiba-o-que-disseram.ghtml>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

³⁵ Disponível em:

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3359700/mod_resource/content/0/Brasil%20-%20Uma%20ponte%20para%20o%20futuro%20Fundada%20por%20Ulysses%20Guimar%C3%A3es.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2023.

Em fevereiro de 2018, o presidente interino, com o Decreto Nº 9.288 instituiu a intervenção federal no Rio de Janeiro e, conforme o Art. 1º § 2º, o objetivo seria “pôr termo a[*sic*] grave comprometimento da ordem pública no Estado do Rio de Janeiro.” (BRASIL, 2018). A intervenção teve duração programada até 31 de dezembro de 2018.

O motivo apontado seria o enorme caos resultante da violência urbana, muito associada ao tráfico de drogas e às operações de facções criminosas, que o Estado considerava estar fora de controle, embora adotasse consecutivamente medidas públicas repressivas. A intervenção significava a transferência do gerenciamento da segurança pública estadual do governador Luiz Fernando Pezão para o general do Exército Walter Souza Braga Netto, que passou a ser comandante do Comando Militar do Leste com a responsabilidade pela administração da secretaria de segurança, polícias civil e militar, corpo de bombeiros e sistema carcerário de todo Estado do Rio de Janeiro (MORELLATO e SANTOS, 2020).

Em paralelo a esses eventos, Jair Bolsonaro prosseguia com sua pré-candidatura à presidência da República e sendo notícia nos jornais analisados.

Retornando nosso foco, na Carta Capital, ao longo do período analisado, apenas duas manchetes foram filtradas. A primeira³⁶ delas, veiculada em abril de 2018, tratava justamente da questão da intervenção federal no Rio de Janeiro e abordava declarações emitidas por generais do Exército.

Na terça-feira 3, o comandante do Exército, general Eduardo Villas Bôas, disse pelo Twitter que a instituição não aceitava “impunidade”, e que estava atenta “às suas missões institucionais”. A declaração suscitou uma onda de apoio de outros militares, incluindo o general de Exército da reserva Luiz Gonzaga Schroeder Lessa, o qual, indo além, afirmou que se o Supremo Tribunal Federal permitir que Lula seja candidato e se eleja presidente, não restará outra alternativa senão a intervenção militar. Declarou Lessa à Rádio Bandeirantes de Porto Alegre: “Vai ter derramamento de sangue, infelizmente é isso que a gente recebe”, e acrescentou que a crise “vai ser resolvida na bala” (CARTA CAPITAL, 2018).

Ao longo do texto, a mídia incluiu pronunciamentos de políticos em relação a essas declarações. Sobre Bolsonaro, escreveu:

Capitão da reserva, o deputado e pré-candidato à Presidência Jair Bolsonaro (PSL-RJ) saiu em defesa da declaração do comandante do Exército: “O partido do Exército é o Brasil. Homens e mulheres, de verde,

³⁶ Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/conjunturando/o-preco-da-indulgencia/>>. Acesso em: 13 ago. 2023.

servem à Pátria. Seu Comandante é um Soldado a serviço da Democracia e da Liberdade. Assim foi no passado e sempre será. Com orgulho: Estamos juntos General Villas Boas”, escreveu Bolsonaro (CARTA CAPITAL, 2018).

A segunda matéria³⁷ publicada na CC, trata-se de uma entrevista realizada com a também pré-candidata à presidência na época, Manuela D’Ávila. Ao longo de suas respostas, faz menções pontuais ao deputado, constantemente se posicionando contra suas ações e declarações.

A dinâmica novamente se altera quando voltamos nosso olhar para as matérias filtradas a partir do jornal O Estado de S. Paulo. Aqui é relevante lembrarmos que, o período recortado para a pesquisa é de janeiro de 2016 até maio de 2018, mês que antecede o registro oficial das candidaturas para as eleições presidenciais.

Apesar de abranger um intervalo temporal mais breve em comparação com as outras análises, compreendendo apenas 5 meses, o ESP apresenta um crescimento de 42,10% no número de matérias selecionadas de um ano para o outro. De modo geral, o conteúdo das reportagens continua sendo voltado a eleições.

Exemplo disto está a manchete, publicada ainda em janeiro de 2018, “Bolsonaro destina 60% de emendas para saúde de militares”³⁸, em que ao longo da redação é exposto um levantamento feito pelo próprio jornal sobre os valores das emendas parlamentares direcionadas pelo político, especialmente aquelas destinadas a iniciativas ligadas às Forças Armadas.

“Como prioridade no meu mandato parlamentar, a maioria das minhas emendas orçamentárias é destinada a atender Organizações de Saúde, em especial das Forças Armadas. Neste ano contemplei também algumas áreas relacionadas à Segurança Pública e em pesquisas de desenvolvimento tecnológico”, diz o deputado no folheto (ESTADÃO, 2018).

Em fevereiro, quando Temer anuncia a intervenção federal pelas FA, é noticiado a matéria “Temer já roubou muita coisa aqui, mas o meu discurso ele não

³⁷ Disponível em:

<<https://www.cartacapital.com.br/blogs/quadrinsta/manuela-davila-os-fascistas-sairam-do-armario-com-pedras-e-relhos/>>. Acesso em: 13 ago. 2023.

³⁸ Disponível em:

<<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-destina-60-de-emendas-para-saude-de-militares,70002153929>>. Acesso em: 13 ago. 2023.

vai roubar', diz Bolsonaro"³⁹, em que é transcrita uma fala feita pelo deputado a partir de um vídeo divulgado nas redes sociais

"Temer já roubou muita coisa aqui, mas o meu discurso ele não vai roubar, não", disse. "É uma intervenção política que ele está fazendo. Ele agora está sentado, lá não sei aonde, tranquilo, deitado. Se der certo, eu vou torcer para que dê certo, glória dele. Se der errado, joga a responsabilidade no colo das Forças Armadas", completou (ESTADÃO, 2018).

Neste trecho é interessante notar a postura de Bolsonaro ao declarar que Temer não irá "roubar" seu discurso. Podemos caracterizar tal atitude como uma disputa pelo controle exclusivo do discurso associado ao monopólio da violência, evidenciando a intenção de preservar seu capital político entre os segmentos da população que lhe conferem apoio, bem como entre aqueles que endossam a intervenção.

Ao longo da matéria, ainda encontramos a seguinte fala: "o que nós precisamos no Rio de Janeiro, agora, é que esses homens que vão estar nessa operação, após o cumprimento de qualquer operação, caso venha a abater alguém, respondam, mas não tenha punição para eles".

Mantendo a mesma direção, a reportagem intitulada "Segurança vai para o centro do debate eleitoral"⁴⁰ evidencia como a questão sobre segurança pública é um dos focos nos debates eleitorais e reproduz o posicionamento dos pré-candidatos - Marina, Bolsonaro e Alckmin - acerca do tema. Referente ao discurso de Bolsonaro, o jornal escreve

O deputado fluminense Jair Bolsonaro (PSC), que é contra a intervenção, defende o fim do estatuto do desarmamento e a mudanças na lei de migração. Sobre a intervenção, declarou ao O Antagonista: "É uma intervenção decidida dentro de um gabinete, sem discussão com as Forças Armadas. Nosso lado não está satisfeito. Estamos aqui para servir à pátria, não para servir esse bando de vagabundos" (ESTADÃO, 2018).

Ainda com relação a este assunto, merece ênfase o fato de que o ESP não apresenta contrapontos nem coloca em questão as declarações do então parlamentar referentes à sua oposição à intervenção. Enquanto o campo

³⁹ Disponível em:

<<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,temer-ja-roubou-muita-coisa-aqui-mas-o-meu-discurso-ele-nao-vai-roubar-diz-bolsonaro,70002196478>>. Acesso em: 13 ago. 2023.

⁴⁰ Disponível em:

<<https://www.estadao.com.br/brasil/seguranca-vai-para-o-centro-do-debate-eleitoral/>>. Acesso em: 13 ago. 2023.

progressista sempre articulou argumentos voltados a razões humanitárias e até mesmo legais (OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2019), Bolsonaro se posicionava de forma veemente, sustentando que tais medidas deveriam ser ainda mais contundentes e advogava não apenas pela ampliação da presença das Forças Armadas em combates bélicos, mas também no campo decisório de formulação das políticas.

Ao finalizar a matéria o Estadão ainda reproduz o vídeo publicado no twitter e transcreve a fala do político:

"Defendemos a intervenção, sim, mas não dessa forma, feita nos porões do Planalto, longe dos integrantes da Forças Armadas e longe da cúpula da Polícia Militar e Civil do Rio de Janeiro", disse. "Isso tudo me cheira a mais um remendo apenas e nós queremos algo sério", acrescentou. "A insegurança no Rio de Janeiro tem que ser combatida com energia ou, se for o caso, com mais violência ainda", declarou (ESTADÃO, 2018).

Em março de 2018, mais precisamente na noite do dia 14, a vereadora Marielle Franco (PSOL) e seu motorista Anderson Gomes foram mortos a tiros na zona central do Rio de Janeiro (OTÁVIO e ARAÚJO, 2020). O acontecimento tomou proporções nacionais dada a relevância que a parlamentar estava alcançando naquele momento. Enquanto vereadora, suas origens e sua identidade davam representatividade às mulheres negras, faveladas e LGBTQIA+ nas instâncias de poder. Marielle era ativista por estes direitos e, para além disso, estava iniciando investigações sobre conflitos imobiliários na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, em áreas tomadas por milícias (OTÁVIO e ARAÚJO, 2020).

Poucos dias após a tragédia, o ESP publicou as matérias “Bolsonaro decide manter silêncio sobre assassinato de Marielle”⁴¹ e “Passados cinco dias da morte de Marielle, Bolsonaros silenciam”⁴² em que deu voz ao político sobre ser questionado sobre o assunto

“Vou continuar silente”, afirmou Bolsonaro em entrevista ao Broadcast Político, serviço de informação em tempo real da Agência Estado, no plenário da Câmara. “No ano passado, teve enterro de uns 20 PMs (policiais militares), nenhum dos presidenciáveis foi e só eu estou apanhando agora por não falar sobre a morte dela” (ESTADÃO, 2018)

E ainda,

⁴¹ Disponível em:

<<https://www.estadao.com.br/brasil/rio-de-janeiro/bolsonaro-decide-manter-silencio-sobre-assassinato-de-marielle/>>. Acesso em: 13 ago. 2023.

⁴² Disponível em:

<<https://www.estadao.com.br/brasil/rio-de-janeiro/passados-cinco-dias-da-morte-de-marielle-bolsonaros-silenciam/>>. Acesso em: 13 ago. 2023.

Passados cinco dias da morte da vereadora Marielle Franco (PSOL), o deputado federal e presidenciável Jair Bolsonaro (PSL-RJ) não se pronunciou sobre o caso – nem há previsão de que vá fazê-lo. Perguntado pelo Estado na última sexta sealaria algo sobre o assassinato da vereadora, Bolsonaro respondeu, em tom de brincadeira, que estava com um problema: estava “mudo” e não poderia falar (ESTADÃO, 2018).

Ao longo tempo, continuaram a ser publicadas matérias relacionadas à sua candidatura, como é o caso da peça intitulada “Bolsonaro projeta criar a ‘bancada da metralhadora’”⁴³, que cobriu a cerimônia de sua filiação do político ao Partido Social Liberal (PSL). No decorrer do texto, não foram registradas críticas às suas declarações, exceto por uma referência à sigla do candidato como “nanica” devido à sua menor relevância política em comparação com partidos tradicionais, como o PT e o PSDB, por exemplo.

Ao se filiar ao nanico PSL, o deputado e pré-candidato ao Planalto Jair Bolsonaro (RJ) disse nesta quarta-feira, 7, que vai se empenhar em eleger o maior número de parlamentares para endurecer leis penais, evitar o desarmamento e garantir maioria no Legislativo (ESTADÃO, 2018).

Durante o texto foi dado destaque também a sua fala reforçando sua posição em relação ao tema de segurança pública: “a bancada da bala, chamada assim de forma jocosa, vai se transformar na bancada da metralhadora.”

De modo semelhante seguiram as matérias veiculadas pela Folha de S. Paulo, tendo como plano de fundo sua candidatura. Logo em janeiro de 2018, a matéria “Bolsonaro diz que só abandona candidatura se for morto ou tirado na ‘covardia’”⁴⁴ é publicada. O foco do conteúdo está na resposta dada por Bolsonaro a uma manchete anterior da própria Folha de S. Paulo, em uma reportagem sobre seu patrimônio e o de seus filhos parlamentares, bem como o recebimento de auxílio-moradia mesmo possuindo imóvel próprio em Brasília.

No decorrer do texto, a FSP reserva espaço para as declarações do político, incluindo momentos em que o mesmo se refere ao jornal como “canalha”. Quanto à questão da segurança, Bolsonaro reitera:

⁴³ Disponível em:

<<https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-projeta-criar-a-bancada-da-metralhadora/>>. Acesso em: 13 ago. 2023.

⁴⁴ Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/01/1949618-bolsonaro-diz-que-so-abandona-candidatura-se-for-morto-ou-tirado-na-covardia.shtml>>. Acesso em: 13 ago. 2023.

A gente vai resolver as questões do Brasil e ponto final. E certas coisas tem que ser com radicalismo. Como você vai combater a violência, soltando pombinhas? Dizendo que são excluídos da sociedade.? 'Ah, vamos investir em educação'. Sim, tem que investir em educação, mas o reflexo vai ser daqui a 30 anos no tocante à violência. Nós temos como resolver os problemas do Brasil, sem salvador da pátria, mas com salvadores, que será a grande maioria da população brasileira, que pensa como eu (FOLHA, 2018).

No que diz respeito à intervenção federal no Rio de Janeiro conduzida pelas Forças Armadas, diferentemente do ESP, nas matérias encontradas na FSP foi observado que a mesma não reserva espaço para a opinião de Jair Bolsonaro sobre o assunto. Já em relação ao caso Marielle Franco, é noticiada a matéria “Opinião de Bolsonaro sobre morte de Marielle seria polêmica demais, diz assessor”⁴⁵ onde novamente é questionado o silêncio do parlamentar perante o tema. Sem resposta, o veículo de imprensa se limitou a publicar a seguinte nota: “procurada pela reportagem, sua assessoria disse que ele está com intoxicação alimentar e não poderia falar. Segundo o assessor, sua opinião seria polêmica demais.”

Por fim, com somente 16 artigos encontrados ao longo dos cinco meses analisados, o G1 mantém o foco de suas publicações, limitando-se ao tópico da corrida eleitoral. Sem trazer matérias referentes à intervenção ou assassinato da vereadora carioca vinculadas a declarações de Bolsonaro sobre os assuntos.

Manchetes como “PGR denuncia Jair Bolsonaro por racismo”⁴⁶ e “Jair Bolsonaro participa de ato simbólico de filiação ao PSL; partido vai lançá-lo pré-candidato à Presidência”⁴⁷ se destacam ao exibirem trechos de falas diretas de Jair Bolsonaro reforçando seu discurso bélico: “a violência se combate com energia e, se for o caso, com mais violência”.

Após essa extensa análise, é possível concluir que, igualmente, FSP e ESP passam a receber Jair Bolsonaro no ambiente de notícias a partir de abril de 2016,

⁴⁵ Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/03/opinio-de-bolsonaro-sobre-morte-de-marielle-seria-polemica-demais-diz-assessor.shtml>>. Acesso em: 13 ago. 2023.

⁴⁶ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/politica/noticia/pgr-denuncia-deputado-jair-bolsonaro-por-racismo.ghtml>>. Acesso em: 13 ago. 2023.

⁴⁷ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/politica/noticia/jair-bolsonaro-participa-de-ato-simbolico-de-filiacao-ao-psl-partido-vai-lanca-lo-pre-candidato-a-presidencia.ghtml>>. Acesso em: 13 ago. 2023.

após seu discurso durante a votação para o impeachment, e aumentam sua cobertura de forma mais significativa a partir de julho de 2017. A maneira como recebem o político também se assemelha. Justificada pela neutralidade jornalística, em matérias de cunho meramente informativo sempre é dado espaço para as falas e ações de Bolsonaro sem qualquer indicação de opinião ou crítica. Esses pontos de vista, quando expressos, são apresentados predominantemente em formato de editoriais.

Já em relação a CC, representada por um número ínfimo de notícias, também começa a cobrir o político a partir de abril de 2016 e mantém uma presença constante desde então, apresentando um pico no volume de matérias em outubro de 2017, retornando logo em seguida ao padrão anterior. Por ser um veículo declaradamente progressista, a forma como esta mídia aborda Bolsonaro vai de encontro aos seus ideais. Seja em matérias jornalísticas ou editoriais, não é incomum encontrarmos críticas e adjetivos junto a falas e comportamentos do político.

Em relação ao G1, observa-se um padrão semelhante aos demais jornais quando consideramos o momento em que a mídia começa a cobrir Bolsonaro em suas notícias, a partir de abril de 2016. Após esse período, a cobertura se mantém constante até o término do período estabelecido para a análise. No que diz respeito à forma com que esse veículo noticia o parlamentar, embora não tenha dado tanto destaque a ele ao longo dos anos, assemelhando o comportamento a CC, também não se posicionavam em relação a suas ações e discursos, equiparando-se assim à abordagem adotada pela FSP e ESP.

Conclui-se, portanto, que a escolha dos jornais e dos filtros para análise foram acertadas, uma vez que comprovaram que a mídia tradicional (FSP, ESP e até mesmo o G1) colaborou com a legitimação das falas de Bolsonaro ao reportá-las de maneira acrítica. Em contrapartida, a Carta Capital, por ser uma mídia declaradamente de esquerda, apresentava posicionamentos mais contundentes em relação a esta figura política.

Autoritarismo: uma viagem redonda

A contribuição deste trabalho reside principalmente na sistematização dos dados referentes à cobertura das declarações de Bolsonaro nos jornais FSP, ESP, G1 e CC. No entanto, é fundamental abordar essa temática à luz de um embasamento teórico que enfatiza o papel crucial da mídia na formação da opinião pública e, de maneira ainda mais significativa, nas influências que este processo pode exercer nos cenários políticos.

Desenvolvida principalmente pelos autores Vilfredo Pareto (1984), Gaetano Mosca (1968), Robert Michels (1982) e Wright Mills (1982), a Teoria das Elites sugere que toda forma política produz distinção entre minorias dirigentes e maiorias dirigidas. Essas minorias dirigentes, também conhecidas como elites, são compostas por indivíduos que detêm o controle do poder político e econômico em uma sociedade, enquanto as maiorias dirigidas correspondem à população em geral.

Essa perspectiva ganha relevância ao considerarmos a constatação apresentada na seção 1, a qual aponta que somente quatro famílias detêm o monopólio dos meios de comunicação nacional. Essas famílias são: os Marinho (Grupo Globo), os Civita (Grupo Abril/Veja), os Frias (Grupo Folha) e os Mesquita (Grupo Estado). Dentre os quatro dos jornais selecionados como fontes para esta pesquisa, três estão inseridos nesses conglomerados de poder. Portanto, não é surpreendente que exerçam uma profunda influência no pensamento dos leitores.

Assim, é interessante também olhar para a teoria da Agenda Setting (COHEN, 1963; KINGDON, 1984; McCOMBS e SHAW, 2000; AZEVEDO, 2004; CAPELLA, 2005), a qual proporciona uma compreensão mais profunda ao examinar as consequências de longo prazo das ações midiáticas sobre os tópicos que receberão significativa atenção da sociedade, como a intensificação da violência e a garantia da segurança pública. Essa abordagem ressalta como os meios de comunicação influenciam a relevância atribuída a certos temas, não apenas moldando a percepção do público, mas também direcionando a atenção coletiva para assuntos específicos ao selecioná-los e moldá-los conforme o tom desejado pelo jornal.

Quando a teoria das elites é aplicada em conjunto com o processo de agenda setting, sugere-se que o poder de tomada de decisão é restrito às minorias dominantes. Em virtude de suas habilidades, conexões e ambições, essas elites têm a capacidade de selecionar os temas de interesse que serão abordados e propõem formas de atuação para a sociedade. Dessa forma, o processo de agenda é influenciado e moldado pelas perspectivas e interesses dessas minorias dirigentes, afetando o que é discutido e priorizado na esfera pública (BRASIL e CAPELLA, 2015).

Conforme demonstrado na seção 2, as reportagens de 2016 desempenharam um papel significativo na formação da perspectiva pública em relação ao impeachment da presidente eleita, Dilma Rousseff. Termos como “impeachment”, “cassação” e “golpe” estavam em disputa e revelavam as posições dos jornais em relação a este evento. Já em 2017, o foco já estava voltado para as eleições presidenciais e expressões como “presidenciável em ascensão”, “candidato Bolsonaro”, “deputado ultraconservador” e “político extremista”, davam o tom da mídia em relação ao político perante a corrida eleitoral. Em 2018, o tema das eleições se manteve em alta, mas assuntos como segurança pública também ganharam destaque na imprensa, o que, conseqüentemente, orientava os debates políticos.

Em outras palavras, teoria das elites combinada com a agenda setting sustenta que a mídia é controlada por elites influentes que empregam os meios midiáticos para promover seus interesses e agendas. Sob esse ponto de vista, a mídia não é considerada como um veículo democrático e sim uma ferramenta de controle social que molda a agenda política conforme os interesses desses grupos dominantes que a regem (BRASIL e CAPELLA, 2015).

Com o surgimento da Teoria Pluralista (DAHL, 1989), novas perspectivas foram colocadas, entre elas que a sociedade é constituída por diversos grupos de interesses que competem entre si para exercer influência na política e na tomada de decisões. Ou seja, a política é vista como um processo de negociação e compromisso entre esses grupos e interesses diversos, que também são capazes de reivindicar suas necessidades no espaço público.

A agenda setting aplicada à teoria pluralista, aborda a mídia como um espaço também democrático (ainda que não hegemonicamente democratizado), no qual diversos grupos e predileções têm a oportunidade de competir para influenciar a agenda política. Essa perspectiva valoriza a diversidade de vozes e a pluralidade de perspectivas que podem ser apresentadas. De modo a desempenhar um papel importante ao permitir que diferentes pontos de vista sejam ouvidos e considerados, influenciando a agenda política de acordo com as demandas e preocupações do público em geral (BRASIL e CAPELLA, 2015).

Isso é evidenciado pelas notícias após 2017 e pré-candidatura, como ilustrado em matérias como "Segurança vai para o centro do debate eleitoral"⁴⁸, publicada pelo jornal O Estado de S. Paulo. É necessário ressaltar que garantir este espaço democrático para opiniões diversas é de extrema importância e faz parte do compromisso de imparcialidade que os jornais buscam adotar. No entanto, essa abordagem também abriu caminho para que discursos criminosos fossem reproduzidos, os quais conseguiram inclusive ganhar simpatia de uma parcela da população.

Avançando sob essas teorias, autores como Schattschneider (1960) e Bachrach e Baratz (1962) iniciam discussões acerca do conceito de “mobilização de opinião” como modo de “justificar a entrada ou impedimento de ascensão de um tema à agenda governamental” (apud BRASIL; CAPELLA, 2015, p. 44).

Assim, ao se debruçar sob o sistema de governo estadunidense, o cientista político Elmer Eric Schattschneider propôs uma relação de disputa entre determinados temas, também chamadas de *issues*, e a atividade política geradas por essas disputas, em outras palavras

Nessa perspectiva, o conflito gerado em torno de uma *issue*, e a organização em torno dela, seria capaz de expandir o conflito, transformando-o em uma questão política, ou de suprimi-lo para que o tema em questão não seja sequer notado como questão política (BRASIL; CAPELLA, 2015, p. 44).

Seguindo na teoria, o autor ainda propõe que para entender essa expansão de disputas, é necessário usufruir do termo de “mobilização de opinião”, que nada

⁴⁸ Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/brasil/seguranca-vai-para-o-centro-do-debate-eleitoral/>>. Acesso em: 20 ago. 2023.

mais é do que a maneira como um assunto privado, ao ser exposto na esfera pública, tem a possibilidade de se juntar a um posicionamento político e, conseqüentemente, tornar-se objeto de ações governamentais. Não é atoa que Schattschneider supõe que “a política é a socialização do conflito” (SCHATTSCHEIDER, 1960, p. 38). A expansão do conflito pode levar certas questões da esfera privada para a esfera pública, dependendo da audiência, da capacidade de manter o conflito ativo e da mobilização envolvida.

Nesse contexto, é pertinente examinar a agenda antipetista⁴⁹ que ganhou força após 2013 e alcançou seu ápice com o processo de *impeachment* em 2016. Embora, no momento, não seja viável abordar em profundidade essa questão, é relevante destacar que Dilma foi considerada inocente das acusações de crimes de responsabilidade relacionados a pedaladas fiscais e à concessão de créditos suplementares sem autorização legislativa⁵⁰.

A nova direita oportunizou os espaços midiáticos durante e após o golpe, no entanto, este movimento foi gestado muito antes. Nos últimos dez anos, esta nova manifestação política emergiu tanto no contexto nacional quanto internacional. Esse fenômeno se destaca por um conjunto de conceitos e princípios que se desviam dos pilares tradicionais da direita, encontrando respaldo entre intelectuais e líderes políticos comprometidos com essa corrente política (CEPÊDA, 2018).

No Brasil, seu surgimento está intrinsecamente vinculado a um contexto político e social específico, que abarca desde a crise econômica até a insatisfação com a política convencional, aliado a uma marcada polarização ideológica. Assim, a nova direita surge como uma alternativa a essa conjuntura, alinhada a valores como a liberdade individual, a crítica à burocracia estatal e a promoção da participação direta da sociedade nas decisões políticas. Paralelamente, a nova direita tem se valido do poder das redes sociais e da internet para disseminar suas ideias e mobilizar seus seguidores (CEPÊDA, 2018).

⁴⁹ O antipetismo neste trabalho é compreendido como um misto de sentimentos, valores, ideologias e atitudes que, tomados em conjunto, podem até ser confusas e contraditórias, mas que tiveram uma força de aglutinação na sociedade brasileira a partir de um termo comum: destituir o PT do poder e evitar seu retorno (RIBEIRO, CARREIRÃO e BORBA, 2017).

⁵⁰ Sobre as acusações de Dilma Rousseff ver: <https://encurtador.com.br/bstY9>. Acesso em: 15 ago. 2023

Ao traçarmos um paralelo entre a direita tradicional e a nova direita, tornam-se evidentes as diferenças. Enquanto a primeira está associada a valores conservadores que incluem a promoção da ordem, tradição e autoridade, enquanto a segunda “associou setores religiosos radicais, os apetites do mercado, os interesses externos e mobilizou a força do preconceito (em especial de gênero e raça) renitentes na cultura política brasileira” (CEPÊDA, 2021, p. 84).

Dentre as pautas alimentadas por esse campo, aqui é pertinente dedicarmos um breve momento para explorar uma das peças-chave essenciais da nova direita no contexto brasileiro: a violência.

A apropriação da nova direita na valorização da força e do uso do monopólio da violência, seja por meio da violência verbal, imagética e física, juntamente com a opressão em relação ao outro, não ocorre por acaso. Essa tendência é alimentada pelo contínuo sentimento de insegurança que é incansavelmente difundido em segmentos específicos da sociedade. Esse cenário aliado a fatos, sejam eles concretos ou narrados, impulsiona ainda mais a crescente influência reacionária no imaginário coletivo (PIERUCCI, 1987; CEPÊDA, 2021)

Para legitimar esta retórica, se torna necessária a criação de um “sujeito” que reúna todas as características responsáveis por suscitar o temor, a apreensão e a insegurança associados a esse clima de terror. Esse “inimigo”, se torna a figura central que justifica toda a violência e, dessa forma, o medo se converte no argumento principal da política (SOLANO, 2019). É nesse contexto que se cria e se estabelece o discurso “bandido bom é bandido morto”, frequentemente proferido por Jair Bolsonaro, uma vez que o adversário passa a ser visto como um elemento indesejável pela sociedade, e tudo aquilo que é considerado indesejável deve ser eliminado.

Seguindo nesse raciocínio, visando a eliminação desse adversário pela máquina estatal, é essencial construir um processo de criminalização não somente no âmbito político, mas também no âmbito social. Dessa maneira, se estabelece um ciclo higienista, punitivo e desprovido de uma perspectiva dos direitos conferidos pelo Estado. Esse modelo resulta em uma cultura de violência punitiva, sustentada por uma abordagem de policiamento ostensivo e por sistemas de justiça penal cada vez mais severos (SOLANO, 2019).

A imprensa, por sua vez, passa a ser um instrumento fundamental na construção dicotômica do “nós” vs. “eles” ou mais especificamente, entre "cidadãos de bem" vs. "bandidos". Ao reproduzir discursos violentos e de repressão para a sociedade, muitas vezes ela se coloca como uma espécie de juiz das situações. Isso ocorre porque, sendo uma entidade privada, a mídia exerce o controle sobre o que deve ou não ser veiculado (SOLANO, 2019).

Essa lógica vai ao encontro dos resultados obtidos para essa pesquisa. A organização dos dados, ao aplicarmos os filtros - palavras-chave ligadas ao campo da segurança pública - estabelecidos neste trabalho indicam um notável aumento na quantidade de matérias contendo declarações de Bolsonaro, de acordo com a agenda que ele já promovia durante seu período como deputado.

Considerando a teoria do Agenda Setting como um mecanismo pelo qual os meios de comunicação influenciam a importância que o público atribui a determinados temas ou questões, torna-se evidente o poder da mídia em determinar quais temas são considerados relevantes e merecedores da atenção do público e quais não são. Esse processo pode exercer um impacto significativo na elaboração de políticas públicas, uma vez que os governos frequentemente respondem às demandas e preocupações da população (BRASIL e CAPELLA, 2015).

Assim, as pautas da nova direita encontram terreno fértil quando são abertos estes espaços na grande mídia, se alimentando e sendo alimentadas por eles num processo cíclico. Ao escolher quais histórias e eventos cobrir, quais fontes usar e como enquadrar essas histórias, a mídia influencia a percepção pública sobre a importância desses temas e, conseqüentemente, influencia a agenda política. Por exemplo, se a imprensa cobre extensivamente um problema social específico, como a violência urbana, isso pode levar o público a acreditar que esse é um problema importante que precisa ser abordado pelo governo.

E para além disto, a maneira como os temas são apresentados também desempenha um papel crucial. Ao conceder espaço direto, seja por meio de citações diretas (mediante aspas) ou de maneira indireta, para os discursos de Bolsonaro, sem contextualizar adequadamente a gravidade de suas falas, molda-se a maneira como a população assimila essas informações e legitima seu discurso. Esse padrão contribuiu diretamente para tornar possível a sua candidatura em 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hipótese orientadora desta pesquisa sustentou que o discurso de Jair Bolsonaro, inicialmente caracterizado por uma retórica mais beligerante, passou por um processo de suavização e/ou foi atenuado pela cobertura dos jornais à medida que as eleições de 2018 se aproximavam.

Para comprovar essa suposição foi adotado como método a coleta e leitura de manchetes dos quatro principais jornais paulistas no período de 2016 a 2018. Dessa forma, após extenso processo de filtragem via palavras-chave, foram selecionadas 917 notícias distribuídas entre os jornais Carta Capital, O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e G1 da Globo.

A sistematização dos dados em tabelas possibilitou não apenas a contagem, mas também uma visualização aprimorada da recepção de Jair Bolsonaro na mídia, bem como de suas falas diretas e indiretas. Utilizamos, portanto, uma abordagem que se configura como metodologia de trabalho que combina aspectos qualitativos e quantitativos.

Diferentemente do esperado, o discurso de Jair Messias Bolsonaro não se tornou menos bélico ao longo do tempo e também não foi amenizado pela mídia. Enquanto as chamadas mídias tradicionais - Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo - ano a ano aumentavam a cobertura jornalística acerca do político, bem como o espaço concedido a suas declarações diretas, a Carta Capital e o G1 da Globo, aqui caracterizadas inicialmente como mídias progressistas, foram em direção contrária, diminuindo as reportagens.

No que diz respeito ao G1, é válido observar que, ao examinarmos os dados condensados e as análises derivadas deles, passamos a entendê-lo como uma mídia isenta. Embora não tenha dado ampla cobertura midiática a Jair Bolsonaro ao longo do período analisado, também não se manifestou em relação às suas declarações quando isso se mostrou necessário.

Embora as conclusões sejam diferentes da hipótese inicial, elas evidenciam a existência de uma complexa relação entre a postura da mídia e as consequências

decorrentes das declarações de Jair Bolsonaro. Considerando o princípio da imparcialidade, os veículos jornalísticos não apenas contribuíram para reforçar a legitimidade de tais declarações, mas também possibilitaram sua candidatura e, mais adiante, sua vitória.

Desde o início, Jair Bolsonaro foi tratado pela mídia de maneira isenta de críticas. As participações em programas como CQC e Superpop, marcados por uma abordagem humorística, proporcionaram ao político notoriedade por meio de programas de entretenimento de alcance nacional. À medida que sua carreira avançou, ele passou a ser recebido em ambientes jornalísticos mais sérios. No entanto, sob a justificativa da neutralidade da imprensa imposta inclusive em seus manuais, nada mudou no que diz respeito à ausência de questionamento sobre as posições expressas por ele. Se antes, as declarações eram recebidas com risos e deboche, agora elas se tornam mais legítimas ao serem reproduzidas sem ressalvas pela grande mídia.

Seus discursos se mantiveram polêmicos e, em última análise, a pesquisa demonstrou que a interação entre líderes políticos e a imprensa é de natureza complexa, podendo levar a desdobramentos imprevisíveis. Em outras palavras, Jair Messias Bolsonaro, não abrandou seu discurso, ganhou cada vez mais espaço; e não só conseguiu chegar às eleições, como vencê-las.

Por fim, concluo dizendo que a análise da intersecção entre mídia e política, especialmente quando vista a partir da ótica da segurança pública, configura-se em um campo amplo e complexo que merece um aprofundamento e estudos mais abrangentes. Esse esforço contribuirá para um melhor entendimento da democracia contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Fernando. Agendamento da política. In: RUBIM, Antônio Albino Canelas (Org.). Comunicação política: Conceitos e abordagens. Salvador/São Paulo: Edufba/Editora Unesp, 2004.

BACHRACH, Peter; BARATZ, Morton S. Two Faces of Power. *American Political Science Review*, vol. 56, nº 4, dezembro de 1962.

BARRUCHO, Luís. 'Enquanto me dava choques, Ustra me batia com cipó e gritava', diz torturado na ditadura. G1 da Globo. 19 de abril de 2016. Política. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2016/04/enquanto-me-dava-choques-ustra-me-batia-com-cipo-e-gritava-diz-torturado-na-ditadura.html>. Acesso em: 30 jul. 2023.

BOLSONARO, Flávio. Jair Messias Bolsonaro mito ou verdade. Rio De Janeiro: Altadena Editora, 2017.

BRASIL. Decreto 9.288, de 16 de fevereiro de 2018. Decreta intervenção federal no Estado do Rio de Janeiro com o objetivo de pôr termo ao grave comprometimento da ordem pública. Brasília, DF: Presidência da República, 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Decreto/D9288.htm.

BUENO, Samira. Paradigmas em disputa. In: GALLEGO, Esther Solano (Org.). *Brasil em colapso*. São Paulo: Editora Unifesp, 2019. p. 159-170.

CARVALHO, Juliana Aparecida Sousa. "TIGRES DE PAPEL"?: As bancadas BBB entre a imagem pública e a atuação efetiva na Câmara dos Deputados Federais, 2011-2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/xmlui/handle/11600/64704>. Acesso em: 6 ago. 2023.

CASTRO, Celso. et al. *Forças Armadas na segurança pública: a visão militar*. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2023.

CEPÊDA, Vera Alves. Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 23, n. 2, p. 40–74, 2018. DOI: 10.5433/2176-6665.2018v23n2p40.

CEPÊDA, Vera Alves. A nova direita no Brasil: ideologia e agenda política. In: BUZETTO, Marcelo (Org.). *Democracia e direitos humanos no Brasil: a ofensiva das direitas (2016/2020)*. 1. ed. São Paulo: CUT, 2021. v. 1, p. 73-91.

CIOCCARI, Deysi; PERSICHETTI, Simonetta. “Armas, ódio, medo e espetáculo em Jair Bolsonaro”. *Revista Alterjor*, v. 18, n. 2, p. 201-214, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/144688>.

CHALOUB, Jorge; PERLATTO, Fernando. Intelectuais e a "nova direita" no Brasil. In: LYNCH, Christian Edward Cyril; SOUSA, Elizeu Santiago Tavares de; CASSIMIRO, Paulo Henrique Paschoeto. (Org.). *Pensamento Político brasileiro: temas, problemas e perspectivas*. 1. ed. Curitiba: APPRIS, 2019. v. 1, p. 361-384.

COHEN, Bernard Cecil. *The Press and Foreign Policy*. Princeton (EUA): Princeton University Press, 1963.

DAHL, Robert. *Um Prefácio à Teoria Democrática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

DIBAI, Priscilla Cabral. *A Direita Radical No Brasil Pós-redemocratização: O Caso De Jair Bolsonaro*. Salvador, 2018.

FERES JÚNIOR, João; GAGLIARDI, Juliana. O antipetismo da imprensa e a gênese da nova direita. In: GALLEGO, Esther Solano. (Org.). *Brasil em colapso*. 1. ed. São Paulo: Unifesp, 2019. v. 1, p. 25-43.

FREIXO, Adriano de; PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Dias de um futuro (quase) esquecido: um país em transe, a democracia em colapso. In: FREIXO, Adriano de; PINHEIRO-MACHADO, Rosana. (Org.). *Brasil em Transe: Bolsonarismo, Nova Direita e Desdemocratização*. 1. ed. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019. p. 09-24.

GOFFMAN, Erving. *Frame Analysis: an Essay on the Organization of Experience*. [s.l.] Boston Northeastern Univ. Press, 1974.

HANGAI, Luis Antonio. A Framing Analysis de Goffman e sua aplicação nos estudos em Comunicação. *Ação Midiática - Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura*, v. 3, p. 9-9, 2012.

LEIRNER, Piero. O Brasil no Espectro de uma Guerra Híbrida. Militares, operações psicológicas e política em uma perspectiva etnográfica. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2020.

LOPES, Mauro. As quatro famílias que decidiram derrubar um governo. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo. (Org.). *Por que gritamos Golpe?* 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 119-125.

MARTINS FILHO, Eduardo Lopes. Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

McCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald. A função do agendamento dos media. In: TRAQUINA, Nelson. *O poder do jornalismo: Análise e textos da teoria do agendamento*. Coimbra (Portugal): Minerva, 2000.

MELO, Carlos. A marcha brasileira para a insensatez. In: MELO, Carlos. *Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 211-229.

MICHELS, Robert. *Sociologia dos Partidos Políticos*. Tradução de Arthur Chaudon. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

MILLS, Charles Wright. *A Imaginação Sociológica*. Editora Zahar, 1982.

MORELLATO, Ana Carolina Batista; SANTOS, André Filipe. Intervenção federal e a guerra contra os pobres na cidade do Rio de Janeiro. *Revista Dilemas IFCS-UFRJ*, v. 13, p. 711-736, 2020.

MOSCA, Gaetano. *História das Doutrinas Políticas: desde a antiguidade*. Completada por Gaston Bouthoul. Tradução de Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MOTTA, Ana Raquel; POSSENTI, Sírio. Direita e esquerda: volver! In: *I Jornada Internacional de Estudos do Discurso (JIED)*, 2008, Maringá. *Anais da 1º JIED*. Jornada Internacional de Estudos do Discurso. Maringá: UEM, 2008.

OLIVEIRA, Fabiana Luci de. O Supremo Tribunal Federal no processo de transição democrática: uma análise de conteúdo dos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo. *Revista de Sociologia e Política*, n. 22, 2004, pp. 101-118.

OLIVEIRA, Fabiana Luci de; RIBEIRO, Desirée Ferreira Marques. Atuação política do Procurador-Geral da República na transição democrática no Brasil. *Revista Direito e Práxis*, vol. 12, 2021.

OLIVEIRA, Luiz Francisco de; OLIVEIRA, Tarsis Barreto. A inconstitucionalidade da intervenção federal realizada no Estado do Rio de Janeiro. *Interfaces Científicas - Humanas e Sociais*, v. 8, n. 1, p. 95–106, 2019.

PARETO, Vilfredo. Manual de economia política. Vol. 1. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

PIERUCCI, Antônio Flávio. As bases da nova direita. *Novos Estudos*. CEBRAP, São Paulo, n. 19, p. 26-45, 1987.

QUADROS, Marcos Paulo dos Reis; MADEIRA, Rafael Machado. Fim da direita envergonhada? Atuação da bancada evangélica e da bancada da bala e os caminhos da representação do conservadorismo no Brasil. *Opinião Pública*, v. 24, p. 486-522, 2018.

RIBEIRO, Ednaldo; CARREIRÃO, Yan; BORBA, Julian. Sentimentos partidários e antipetismo: condicionantes e covariantes. *Opinião Pública*, v. 22, p. 603-637, 2016.

ROCHA, Camila. Eleitorado paulistano: continuidades e discontinuidades entre 1947 e 2004. *Paraná Eleitoral*, v. 1, p. 249-278, 2012.

ROJO, Rene Esteban. Em pauta, as eleições: análise da cobertura eleitoral da FSP e OESP nas eleições de 2002 em São Paulo. São Carlos, 2006.

ROLNIK, Raquel; ANDRÉS, Roberto. Desculpe o transtorno, é sobre a caixa preta das cidades. In: ALTMAN, Breno; CARLOTTO, Maria. (Orgs.). Junho de 2013: a rebelião fantasma. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2023. p. 17-26.

SCHATTSCHEIDER, Elmer Eric. *The Semi-Sovereign People*. New York, Winston, 1960.

SILVA, Ivan Henrique de Mattos e. 'Liberal na economia e conservador nos costumes' - uma totalidade dialética. Revista Brasileira de Ciências Sociais (Online), v. 36, p. 1-19, 2021.

SOLANO, Esther. A bolsonarização do Brasil. In: SOLANO, Esther. Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 307-322.

SOLANO, Esther. Quem é o inimigo? Retóricas de inimizade nas redes sociais no período 2014-2017. In: PINHEIRO-MACHADO, Rosana.; FREIXO, Adriano de. (Orgs.). Brasil em transe: Bolsonarismo, nova direita e desdemocratização. 1. ed. Rio de Janeiro: Oficina, 2019. p. 83-99.

YONESHIGUE, Bernardo. Bolsonaro passou por oito partidos desde que iniciou carreira política em 89, relembre. O Globo, 18 de janeiro de 2022. Política. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-passou-por-oito-partidos-desde-que-iniciou-carreira-politica-em-89-relembre-25298315>. Acesso em: 18 de ago. 2023.